A CENA MUDA

Nº 11 ★ 17-3-54

Cr$ 4,00 em todo o Brasil



NESTE NÚMERO:

OS MELHORES FILMES DO FESTIVAL

★

ENTREVISTAS EXCLUSIVAS COM JUNE HAVER, FRED MCMURRAY, IRENE DUNNE E JANET GAYNOR

★

O ATOR DAS MIL MÁSCARAS

★

3º FESTIVAL MUNDIAL DE FILMES DE DANÇA

Mande os seus filhos á ESCOLA!



109



110



111



112

O ANALFABETO É UM ESCRAVO CÉGO QUE QUANTO MAIS OUVE FALAR EM LUZ, MAIOR LHE PARECE A ESCURIDÃO EM QUE VIVE.

109 28 a 33 Cr$ 150.00 — 34 a 40 Cr$ 195,00. Sapato colegial-esportivo, adotado pelas principais escolas do País. (ótimo Bezerro prêto ou marrom). Saltos de Borracha.

110 **Até** 27 Cr$ 100,00 — 28 a 32 Cr$ 148,00 — 33 a 39 Cr$ 150,00. Sapato colegial-esportivo em vaqueta preta ou verniz. Saltos de Borracha.

111 28 a 32 Cr$ 148,00 — 33 a 40 Cr$ 150,00. Sapato cem por cento colegial, para moças, em superior vaqueta preta, C/ Saltos de Borracha. Um grande sapato!

112 28 a 32 Cr$ 148,00 — 33 a 37 Cr$ 150,00. Ótimo sapato para meninos e rapazes, em superior vaqueta preta.

Remetemos para todo o Brasil. Porte 5 cruzeiros. Não fazemos reembôlso postal

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

AT. SEMOG

insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina, é tambem uma galeria á sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.

A
CENA
MUDA

Fundada em 1921

Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA
AMERICANA

Diretor
Gratuliano Brito

Secretário
Oswaldo de Oliveira

Publicidade
J. M. Costa Júnior, S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

CENA nº 11, em 17/3/1954

★

CINEMA

REPORTAGENS EXCLUSIVAS

Festival de Mar del Plata 4
Convidaram-me a ingressar em um convento em S. Paulo .. 6
A eterna Irene Dunne 7
80 pré-estréias do Festival 8
Da Diana de «7º Céu» à Janet de hoje 10
Ídolos da tela em escala crescente 12
O mais belo curta-metragem do Festival e do Cinema 14
O ator das mil máscaras 16
Os grandes filmes franceses de 1952 20
Julgamento do Festival 22

SESSÕES PERMANENTES

«BALLET»: 3º Festival de Filmes de Dança 18
Curiosidades e «close-ups» ... 24
Segredos da tela 25
A novela das imagens 26
Cartazes em revista 30
Rádio 32
Discos-Novidades 32
Página do leitor 33
Cine-Respostas 33

A NOSSA CAPA

VIRGINIA MAYO
(R. K. O.)

★

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15
Lapa — Rio de Janeiro — Brasil

TELEFONES

Publicidade	22-9570
Redação	22-4447
Gerência	22-8647
Administração e Contabilidade	22-2550
Portaria	22-5602

Enderêço Telegráfico: «REVISTA»

EM SÃO PAULO

Distribuição e Venda:
A. Zambardino
Rua Capitão Salomão, 69
Telefone: 34-1569

PREÇOS

Número avulso em todo o território nacional	4,00
Número atrasado	4,50
Assinatura anual (52 números)	200,00
Assinatura semestral (26 números)	100,00
Assinatura anual sob registro	230,00
Assinatura semestral sob registro	120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	350,00
Assinatura para o estrangeiro semestral	180,00

80 PRÉ-ESTRÉIAS NO FESTIVAL - III

COBERTURA CRÍTICA DE
JONALD, C. MAXIMIANO E SANIN

FRANÇA NO FESTIVAL
4 — "O TRIGO CRESCE"

Entre os mais famosos romances de Colette, uma das glórias literárias da França, figura «Le Blé en Herbe». Aborda o problema sexual dos adolescentes mas fixando, particularmente, o que se passa no interior das personagens. Sensualismo, psicologia, realidade e sutileza formam os alicerces do livro. Fixa a trama o desabrochar da atração física entre dois jovens. Êle, Phil, com 16 anos e ela, Vance, com 15. Em todos os anteriores anos costumavam passar as férias na mesma morada sem que nada de extraordinário ocorresse entre ambos. Entretanto, a intercorrente figura de duas mulheres vem a interferir em suas existências. A primeira, sem maiores conseqüências, apenas para despertar o sentido do ciúme. A segunda, que se vem a tornar em uma eventual amante do rapazinho promove, com esta iniciação, os motivos capazes de atrair mais diretamente Phil aos braços de Vance. Um assunto dêsses, no cinema francês, seria fácil de resultar em algo de escabroso. Entretanto há, em primeiro plano, a consciência dos autores do roteiro: Pierre Bost e Jean Aurenche, os mesmos de «Adúltera». Há, sim, realismo adulto, por vêzes cru e, poucas vêzes, desnecessário, conforme a seqüência do início. Bastaria a reação estampada nos rostos das meninas, ao ver surgir o moço despido das ondas do mar e não a insistência de desnecessárias tomadas com o mesmo. Porém, em conto, com tôda a malícia de várias passagens, não mais houve exacerbações. Tanto de ambos quanto do grande cineasta orientador, o mestre Claude Autant Lara. Poucos homens de cinema podem expor os trechos mais dúbios com tanta elegância e delicadeza, sem chocar, quanto o orientador de «Le Diable au Corps». Todavia, não há, apenas, finura em tratar questões de sexo em imagens. A poesia é contagiante; os pequenos incidentes, coisas que se resumem a nada, são avivadas pelo mérito do diretor. E tudo culmina com a alta inteligência e habilidade, refletidas nos intérpretes. A experiente Edwige Feuillère vive, admiràvelmente, a iniciadora de Phil. Nicole Berger é uma encantadora jovem, dotada de sensibilidade e futuro. Michel Beck, aquêle menino de «Garçon Sauvage», mostra-se um adolescente de valor. Os desempenhos menores satisfazem. Com algumas restrições, já apontadas, ao conteúdo, mas de esplêndida forma cinematográfica.



Poesia entre adolescentes: Phil e Vinca

«A Dama de Branco»: Edwige Feuillère





Edward G. Robinson e Ann Miller são muito amigos.

Barbara Gil, uma atriz mexicana diferente, prepara-se para o embarque para Mar del Plata.



ESTA em franca realização o Festival Internacional de Mar del Plata. Embora sem caráter oficial, pois não tem o patrocínio da FIAF, adesões de importância foram recebidas. Inicialmente, entretanto, devemos lamentar que o Govêrno argentino não tenha convidado o Brasil a fim de se fazer representar. Embora estejam presentes, em Mar del Plata, delegações de inúmeros países distantes, o Brasil ficou de fora, inexplicàvelmente. Assim, nem a presença das nossas «estrêlas», de representantes da indústria ou da imprensa figuram no festival argentino. A CENA procurou apurar as causas de a Argentina não ter desejado a presença do seu vizinho brasileiro. Informações extra-oficiais fizeram-nos sentir que o caso partiu dos bastidores internos da FIAF. A Argentina desejava realizar o seu Festival antes do nosso. Como isto não foi possível, dado os anteriores compromissos para com o Brasil, nasceu, assim, essa represália, infantil.

Afinal, com a presença dos Estados Unidos, Espanha, Tcheco-Eslováquia, Polônia, Hungria, União Soviética, Chile, Iugoslávia, Suécia e Canadá foi, com a presença do general Peron, inaugurado, no dia 8, p.p., o decantado Festival. Aliás, a Argentina, com tôda a sua má vontade para com nós, acabou levando vantagem pois fêz uma enorme economia, convidando todos os elementos que se achavam em São Paulo. Êsses vultos já familiarizados com os leitores de A CENA, através de dois números especiais e das últimas reportagens, publicadas no número de hoje. Há, entretanto, algumas novidades, com a presença de alguns elementos que aqui não estiveram que são os seguintes: da França: Viviane Romance, Dany Robin, Frank Villard, Nicole Maurray, Corine Calvet, Christine Carrere, Henri Durant, Jean Seffer e senhora. Dos Estados Unidos também houve vários novos agregados à turma que aqui estêve: Claire Trevor, Wendell Corie, Kathleen Hugues, Susan Cabot, Mary Pickord, a inolvidável ex «namorada da América», Frank Borzage, Lori Nelson. Do México, juntou-se, também, Rosita Moreno. A Inglaterra enviou, também, os seus delegados ao Festival. Encontram-se lá Trevor Howard e sua espôsa Helen Cherry, Mai Zetterling, Isobel Dean, Lana Morris, Zena Marshall, Michael Powell, Emeric Pressburger, Anthony Steel, Sidney Goit, Lilliam Fairchild. Aliás, Trevor Howard conquistou recentemente lauréis com o seu último filme «The Heart of the Matter», uma adaptação da novela de Graham Greene, tendo por cenário Serra Leoa durante a guerra; Trevor Howard desempenhou o papel Scobie, o vice-comissário de polícia.

A Itália mandou reforçar também o seu «plantel» de «estrêlas». Outras figuras novas foram reforçar a delegação, conforme Blanca Maria Fabri, Lyla Rocco, Flora Mariel e Lilliana Dalli. Estas são ainda mais novas do que as «Ruffo», Frau e outras que estiveram em São Paulo e, com muito brilho.



Cesario Gonzalez quando propunha a uma jovem da sociedade paulista (Teresinha Soviatti) que o impressionara, um vantajoso contrato.

FESTIVAL DE MAR DEL PLATA

Sem dúvida alguma, entre tantas figuras, Mary Pickford, pela sua sugestão com o passado, não sòmente despertou atenção quando da sua passagem pelo Rio como também, atrai a atenção dos turistas em Mar del Plata.

OUVINDO PARTE DAS DELEGAÇÕES

Em rápida palestra mantida no Galeão, Aleksander Ford expressou o seu interêsse pelo cinema brasileiro, julgando que seria possível o lançamento na Polônia de algumas produções dos estúdios brasileiros. Aliás, se o tempo o permitir, pois Ford deverá também fazer parte da Delegação Polonesa ao Festival de Cannes, onde será apresentado o seu último filme em côres: «Os Cinco da Rua Barska» adaptado de um romance premiado no ano passado, o realizador de «A Verdade não tem Fronteiras» e de «A Junventude de Chopin» deverá fazer uma breve estada no Brasil. Quanto aos seus planos para o futuro, Ford pensa em realizar um grande filme biográfico sôbre Maria Curie Sklodowska.

Faz ainda parte da delegação a conhecida atriz Aleksandra Slaska, que apareceu com destaque em «A Última Etapa» e «A Juventude de Chopin», tendo um dos papéis principais de «Os cinco da Rua Barska» e de um filme ainda em fase de acabamento «A sua vida» de Rybkowski, contando a promoção social de uma moça de província. .

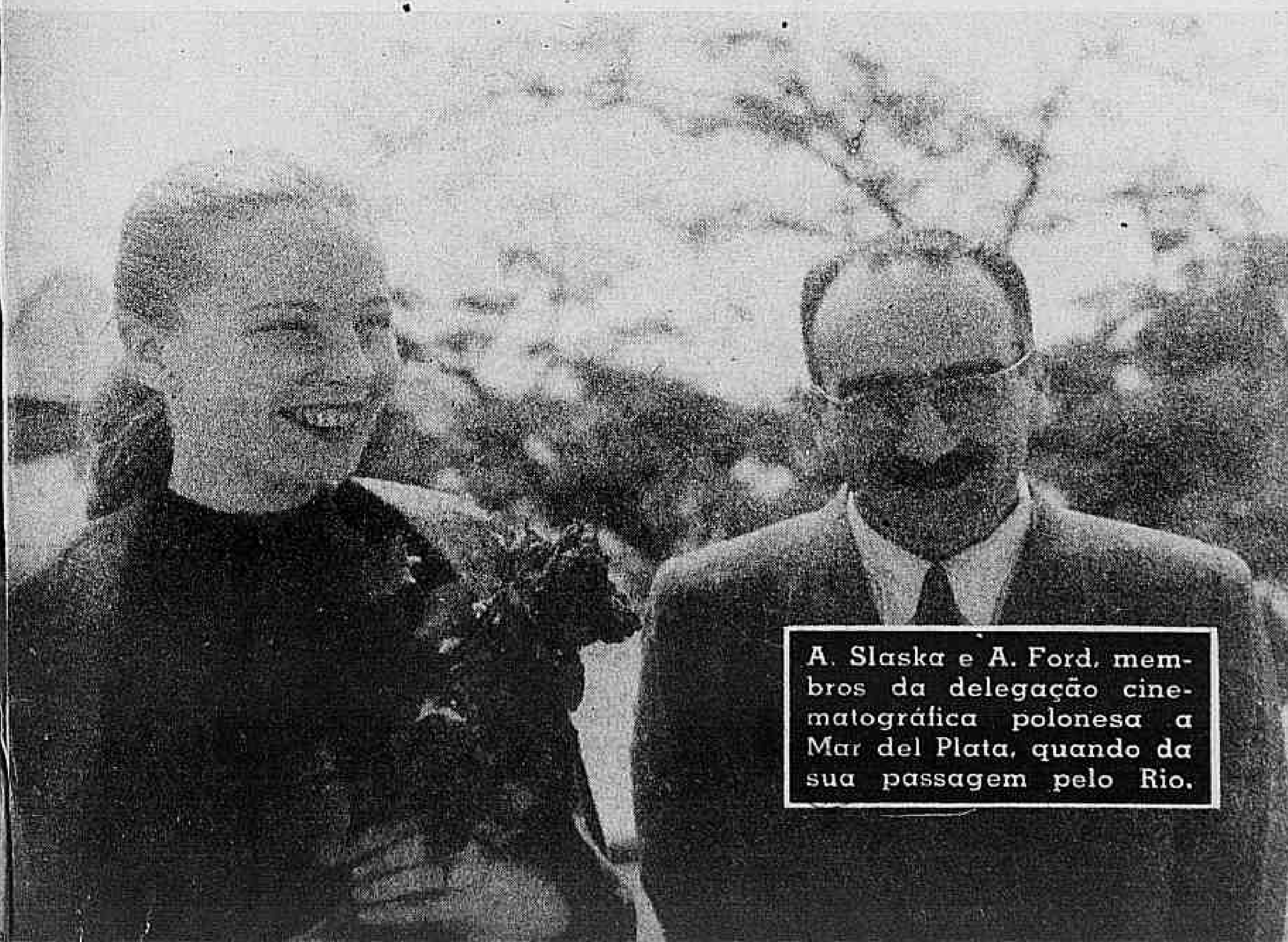
Slaska diz-nos, entretanto, que ela se dedica ùltimamente sobretudo ao teatro, fazendo parte do elenco do «Teatro Contemporâneo» de Varsóvia, onde tem aparecido com enorme sucesso ao lado da atriz Irena Eichler, bem conhecida do público brasileiro, na peça de Bernard Shaw «A Profissão da Senhora Warren». Pròximamente a jovem atriz estreará numa nova peça, escrita por Jaroslaw Iwaszkiewicz, cujo 60º aniversário acaba de ser brilhantemente comemorado pelos meios literários da Europa, na base de um famoso romance de Boleslaw Prus, o maior romancista positivista da Polônia.



Dany Robin não compareceu ao Festival de S. Paulo mas passou pelo Rio, em busca de Mar del Plata!

A Venezuela enviou uma das suas «estrêlas» ao Festival.





A. Slaska e A. Ford, membros da delegação cinematográfica polonesa a Mar del Plata, quando da sua passagem pelo Rio.

"CONVIDARAM-ME A INGRESSAR EM UM CONVENTO EM S. PAULO!"



Assim vivem os dois. Há ensaios de cenas e, também, de lua de mel.

JUNE HAVER DESFAZ UMA SÉRIE DE LENDAS A SEU RESPEITO — UMA SENSACIONAL ENTREVISTA EXCLUSIVA — AS VERDADEIRAS RAZÕES DA SUA SAÍDA DO CONVENTO — OUTRAS NOTAS.

De JONALD, exclusivo para «A CENA»

June Haver já conhecia o Brasil. Quando foi realizado o 1º Festival em Punta del Este pernoitou, uma única noite no Rio. Aliás, conforme esclareceu, deveria ter passado apenas umas poucas horas na capital da República. Depois do avião ter alçado vôo — confessa que teve um enorme susto e, inclusive, rezou muito nesta hora — foi manifestado um sério defeito e, muito apressadamente voltou ao Galeão. Entretanto, conhece São Paulo pela primeira vez e gostou muito dessa "fôrça agitante que se nota em tôda a parte", segundo assim se expressou.

Motivo curioso foi o de contar a "A CENA" o convite que recebeu, de influente poder católico da capital paulista, a fim de que, se assim fôsse a sua vontade, poder ingressar, livremente, em um dos conventos bandeirantes. Acredita que houve um equivoco na informação pois, entre outras coisas, esta alta expressão da nossa igreja havia sido informada de possiveis interferências estranhas, por ocasião de haver interrompido o sacerdócio a que se propusera. E falou:

— "Desisti de ser freira porque verifiquei, após longos meses, na tranqüilidade do claustro que não sentia tôdas as fôrças necessárias para a carreira e, portanto, não era esta a minha vocação". Foi uma decisão de minha exclusiva responsabilidade. Ninguém interferiu. Embora seja neta de pastor protestante, converti-me ao catolicismo a partir de 1945. A minha entrada para o Convento talvez tenha sido influenciado pelo Ano Santo pois, quando da minha visita a Roma, logo após ter perdido meu noivo, no último conflito mundial, assim decidira e errôneamente, conforme refleti mais tarde.

Naturalmente, "A CENA" teria de falar no seu tão adiantado romance com Fred Mac Murray. Vejamos:

"Há dez anos atrás, quando a filmagem de "Where We Go From Here", tornei-me muito amiga de Fred. Não vou negar que exista um forte romance entre nós porquanto isto pertence ao dominio público. Entretanto, são infundadas as notícias de que o enlace será muito breve, a respeito do noivado, etc. E' possível que, mais tarde, isto venha a ocorrer. Depois de certos fatos, na minha existência, procuro pautar as decisões com muita calma mas... acho notável o Fred!

Aliás, esta lisonja coincidiu com a chegada do "astro" no salão do Hotel Jaraguá, onde se realizou esta entrevista exclusiva. Fred veio mesmo, com tôda a sua amabilidade, perturbar a palestra. Entretanto, ainda assim, foi possivel lograr as últimas declarações pois June, enquanto o fotógrafo ilustrava a palestra, falou-nos da sua carreira e das predileções cinematográficas. O filme americano que mais apreciou, talvez por motivos católicos, foi "A canção de Bernadette". Entre tôdas as suas peliculas prefere uma em que a participação não foi das maiores mas que, por diversas razões, gostou mais. Foi "Going My Way", ao lado de Bing Crosby.

Flagrante da presente entrevista quando a ex-noviça e Fred Mac Murray palestravam com Jonald.





Irene Dunne e o seu eterno sorriso.

A ETERNA IRENE DUNNE

FIGURA de rara distinção, Irene Dunne, apesar de ter exatamente 50 anos de idade aparenta, no mínimo, 10 anos menos. Êste milagre do tempo deve ter sua origem no equilíbrio que suas palavras manifestam. Irene aproveitou bem a sua experiência na vida, a fim de adquirir uma tranqüilidade íntima que muito a auxilia a conservar o físico. Em São Paulo, A CENA teve diversas oportunidades de palestrar com a famosa «estrêla» de «Esquina da vida».

Entre diversas curiosidades está a revelação de que o seu espôso tem horror ao cinema. Sente-se muito feliz com êle mas, os poucos impecilhos divergentes, que «são naturais e infalíveis, entre os sêres humanos», conforme declarou, são originários do fator trabalho na tela. Êle queixa-se muito do excesso de tempo que perde no estúdio não por causa das comodidades pessoais mas por ela mesmo!

Afinal, entendem-se muito porque estão ligados, além de tudo, por forte crença religiosa. Tanto ela quanto o espôso pertencem à Ordem do Santo Sepulcro tendo ela sido distinguida com o título de dama e êle com o de Cavalheiro da mesma ordem. Êstes sentimentos espandiram-se de tôdas as formas no Brasil. Por exemplo, contou-nos que leva para os Estados Unidos uma cópia de uma foto que tirou ao lado do Cardeal Mota. Nas horas de folga, na capital bandeirante, procurou inteirar-se de problemas de tôda a ordem, ligados à doutrina católica. Falou, também, muito da sua filha, de 17 anos que está interna em um colégio de freiras, em Nova York que, aliás, há tempos, manifestara desejo de tomar o hábito. Irene não apoia ou contraria quaisquer motivos dessa ordem. Deixa o Destino caminhar, pelas suas próprias razões mas, no fundo, tem a impressão de que essas idéias da filha já passaram.

A CARREIRA

Estudou na Loretta Academy de Louisville e em Chicago. Estudou música no Chicago College of Music. Estreou no palco em Chicago, em 1920, na peça «Irene». Atuou depois em Nova York, em 1922, como Tessie de «Clinging vine»; apareceu subseqüentemente em «Lollipop», «The city chap». Fêz uma «tournée» com a peça «Sweetheart time». Apareceu inclusive cantando o papel principal, Magnolia, na opereta «Show boat», de Jerome Kern, em 1928. Chegou a atuar no Metropolitan Opera House. Em 1930 fêz sua estréia cinematográfica em «Cimarron» e trocou definitivamente o palco pela tela. Gostou muito de atuar como comediante, figurando em numerosos filmes do gênero: «Passaram-se os anos» (Over 21), ao lado de Alexander Knox, «. . . E o amor voltou», ao lado de Charles Boyer etc. Teve também bons desempenhos dramáticos: «Anna and the king of Siam», «Evocação», «The white cliffs of Dover». Famosa sua caracterização como Rainha Vitória em «O garôto e a rainha» (The mudlark). O seu papel preferido é o da criatura infeliz de «Esquina da vida»: «Uma antítese do que sou na vida real».

Irene congraça com o povo, simples e amável conforme nos seus bons papéis no cinema.



80 Pré-estréias do Festival

A ITÁLIA NAS JORNADAS

3 ½ – "I VITELLONI"

O que são "I Vitelloni"? Os desocupados da burguesia, os que nada fazem, que têm quem os sustente; que não têm responsabilidade e que são alérgicos ao trabalho. A tradução francesa do título é "Os inúteis", bem como a tradução para o português: "Os vadios". A película nasceu de uma conversa entre o diretor da fita, Federico Fellini com seus colegas Ennio Flajano (um dos cenaristas de "Villa Borghese") e Pinelli.

Fellini dirigiu com Latuada, "Luci de varieta" (Mulheres e luzes), filme sôbre os bastidores do teatro de revista. E fêz com "I vitelloni" muito boa película. Deu ritmo, tornou a ação natural, soube apresentar seus tipos de forma correta, deu-nos boas seqüências conforme, a do início; o baile de carnaval; o primeiro encontro de Franco Interleghni com o menino (um vitelloni em contraste com um menino que às nove horas da noite se levanta para trabalhar na estação). Não fêz uma obra invulgar, mas demonstrou sensibilidade. Talvez um Lattuada, um Blasetti poderiam realizar um grande filme, um Zavattini saberia tecer um extraordinário argumento em tôrno dos "inúteis". Mas de qualquer forma o filme é um dos bons espetáculos das Jornadas. O elenco apresenta boa atuação: Alberto Sordi, Franco Interleghni, Leonora Ruffo. Boa fotografia e bela música.

ALEMANHA NAS JORNADAS

3 – "CORAÇÃO QUE DANÇA"

Dentre os inúmeros filmes a que assistimos em que se tentou conciliar o "ballet" ao cinema, "Sapatinhos Vermelhos" foi sem dúvida nenhuma aquêle que atingiu mais integralmente seus objetivos. A perfeição dêste filme inglês aparentemente é uma semente fértil para novas inspirações. Dirigido por Wofgang Liebneiner, narra a história de um construtor de bonecos mecânicos que, devido a grande perfeição dos mesmos, faz um contrato para sua apresentação junto com um corpo de baile de um teatro. Um acidente, entretanto, provoca um desarranjo na boneca e devido a necessidade do contrato, a filha do hábil mecânico é quem a substitui. Um empresário desconfia da substituição e procura desmascarar a trama e, assim, fica lançado o fio para uma sucessão de bailados. Não há muita originalidade nas coreografias de Henry Rosen, mas convém ressaltar a beleza dos "decors", realizados pelo famoso Emil Hasler. A direção não retirou, entretanto, todo o partido dêste setor. No tocante a côr foi que sucedeu o contrário, pois, há sugestões valiosas. Por outro lado, o interêsse é mantido, com apreciável movimentação da câmara, contribuindo para que à película revele um ritmo adequado. Sobressai entre outras a "farsa dos Piratas" principalmente pelo vestuário magnífico e pela original agitação. Nas danças "Cracovianas" Gertrud Kuckelmann consegue grande "performance" demonstrando o elevado padrão de técnica que possui. A música de Norbert Schultze é um dos pontos altos do filme; sôbre ela não há restrições que se possam fazer. Além de Gertrud agrada a conduta de Wilfred Seyfert. Enfim, são mantidas características natas aos filmes europeus do gênero e, assim, de maneira geral, satisfaz.

BRASIL NO FESTIVAL

1 ½ – "CHAMAS NO CAFÈZAL"

As perspectivas eram mais otimistas, devido à escolha de um assunto com ambiente brasileiro. As imensas paisagens do interior paulista, por vêzes se tornam trágicas. O abandono e o desespêro, que acompanham as conseqüências de uma geada, todos êstes elementos com os quais manipulou-se em "Chamas no Cafèzal", foram acentuadamente desprezados. O imenso material plástico e humano de uma fazenda de café foi relegado a um plano secundário para se fazer uma obra de superfície impessoal e, como hábito, incidindo no mesmo êrro de tantos outros trabalhos da "Multifilmes": o ecleticismo. José Carlos Burle, que dirigiu esta película, mostrou-se inferior à maioria de suas realizações anteiores. Os atores, é verdade, todos estrangeiros, sem poder manipular a lingua, tornam-se

Portugal: «O Cerro dos Enforcados».



um obstáculo inicial quase intransponível. Porém, as próprias transições emocionais foram mal fixadas e determinadas. A película não tem unidade interpretativa e os atores são pèssimamente conduzidos com exceção de Guido Lazzarini, que consegue um maior padrão interpretativo. Deve-se ressaltar a dificuldade de se trabalhar sôbre uma história insólita que narra as desventuras conjugais de um senhor de certa idade que depois de suas segundas núpcias conserva a inefável lembrança de sua primeira noiva, morta durante as bodas. Como argumento lembra-nos "Rebeca" de Hitchcock inspirado no romance de Daphne du Maurier, não tendo entretanto as suas boas características.

A fotografia de Giulio de Luca, se bem que precisa, bem contrastada, nada apresenta de original. Pelo contrário, as tomadas mais interessantes, como a procissão das tochas, já foi vista em diversos filmes, vestida em outras indumentárias tal como "Macló-via", "Maria Candelária", etc.

A música de Cláudio Santoro, se bem que bela, perde por vêzes, sua funcionabilidade, não criando atmosfera quando mais solicitada a isto. Não passam desapercebidos erros elementares de gramática cinematográfica e a monotonia dos enquadramentos. Da mesma forma, se fêz sentir a economia de tempo, com a máquina assestada permanentemente no mesmo ponto. A pontuação é falha assim como as transições que não situam o espectador, contribuindo sòmente para seu desnorteamento dentro da trama. Paralelamente há uma dispersão na fixação desnecessária dos trabalhos de lavoura, que nada têm a ver com o filme que apenas acidentalmente se passa numa fazenda de café. Lastimamos que esta apresentação do Brasil ao Festival Internacional de São Paulo, tenha sido de tão inconsistente qualidade; êste é um dos exemplos que não devem ser seguidos pois sòmente compromete a nossa cinematografia.



França: «Julieta».

ESPANHA NO FESTIVAL

2 ½ — "JEROMIN"

Jeromin era um Don Quixote em potencial. Desde a mais tenra idade, revelara-se um amante das artes bélicas e das grandes aventuras. Comandava exércitos em miniaturas, empreendendo batalhas navais, em toscas embarcações. Da mesma maneira que o "Cavaleiro da Triste Figura", devorava romances épicos sôbre as cruzadas, conhecia os hábitos e necessidade da côrte e os baluartes da Córsega e da Sicília. Esta precoce manifestação guerreira, leva-o a fugir de casa. Depois de muito andar termina por empregar-se numa estalagem onde se hospedam pessoas em tráfego. Uma delas, Don Luis de Quijada, o fascina sobremodo levando a tomar a decisão de acompanhá-lo. Para isto esconde-se entre a bagagem dêste nobre, sem que êle perceba. Don Luis de Quijada está a caminho da vila da qual Jeromin viera e vai justamente à sua procura a fim de trazê-lo para junto de si, no seu castelo. De estalageiro passa à receber honras de palaciano. Faz o aprendizado de cavaleiro, exercita-se nas armas e cuidam que êle adquira maneiras nobres. As atenções aparentemente excessivas que desfruta o jovem, levam Dona Madalena, espôsa de Don Luís a suspeitar que Jeromin seja filho de seu marido. A dúvida une-se a angústia sem que Don Luís revele a origem do seu protegido.



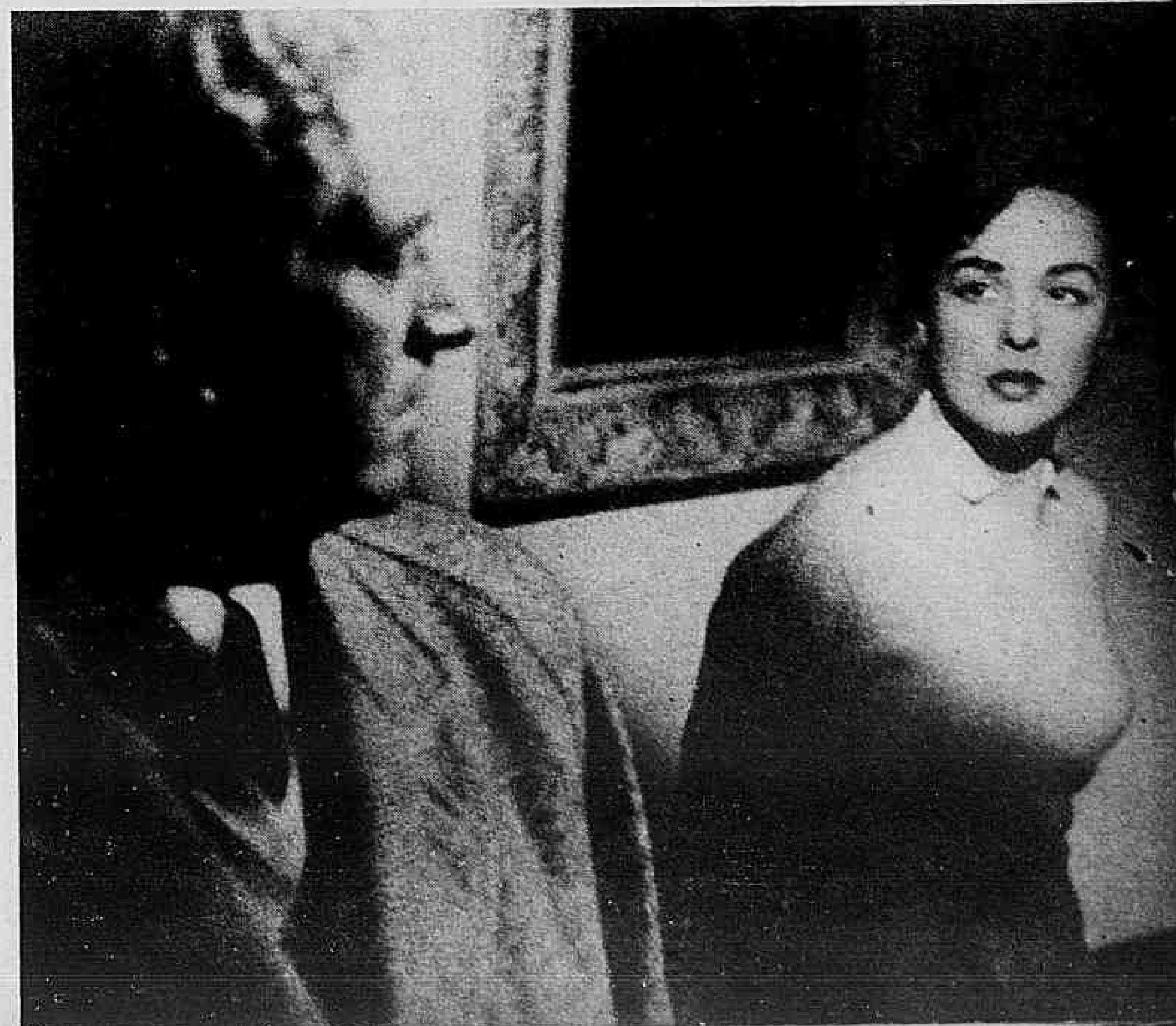
Brasil: «Chamas no Cafèzal».

Argentina: «Dias de Ódio».

Carlos I, então rei de Espanha, abdica em favor de seu filho Felipe II e revela-lhe o grande segrêdo de sua vida: a paternidade de Jeromin que, é em verdade, Don Juan de Áustria e que fôra obrigado a escondê-lo para bem dos negócios do Estado. Pede ao novo rei que após, sua morte, o bastardo receba honras de príncipe e o título a que faz jús. As personagens, se bem que apresentados de forma convincente, carecem de maior humanismo. A acentuação de suas qualidades morais, a perfeição intelectual dos tipos apresentados, dão ao filme um esquematismo que sòmente o tom ameno de uma comédia de costumes consegue justificar. Quando o filme envereda pelo romance histórico, empregna-se de um ritmo diferente do que vinha conseguindo manter, aproximando-se pelas características de dialogação e de angulação de câmara do teatral.

A fotografia, se bem que cuidada com boas enquadrações, nem sempre pôde ser devidamente apreciada devido a má qualidade do serviço de laboratório. A música é expressiva, pontuando adequadamente as seqüências: Alguns erros de continuidade não chegam a comprometer a qualidade da película.

Quanto à interpretação temos a destacar Jaime Blanck que compôs magnìficamente o difícil papel de Jeromin, desempenhando-o com desembaraço. Destacamos ainda Antônio Riquelme em Diego Ruiz, o cômico mordomo de Don Luís de Quijada, Luís Peres em Fray Garcia de Morales, Rafael Duran em Don Luís. Fazemos restrições ao trabalho de Ana Mariscal em Dona Madalena, cuja atuação foi prejudicada por um excessivo contrôle da direção que tolheu têda naturalidade da mesma.



(CONTINUA NAS PÁGINAS 28 e 29)

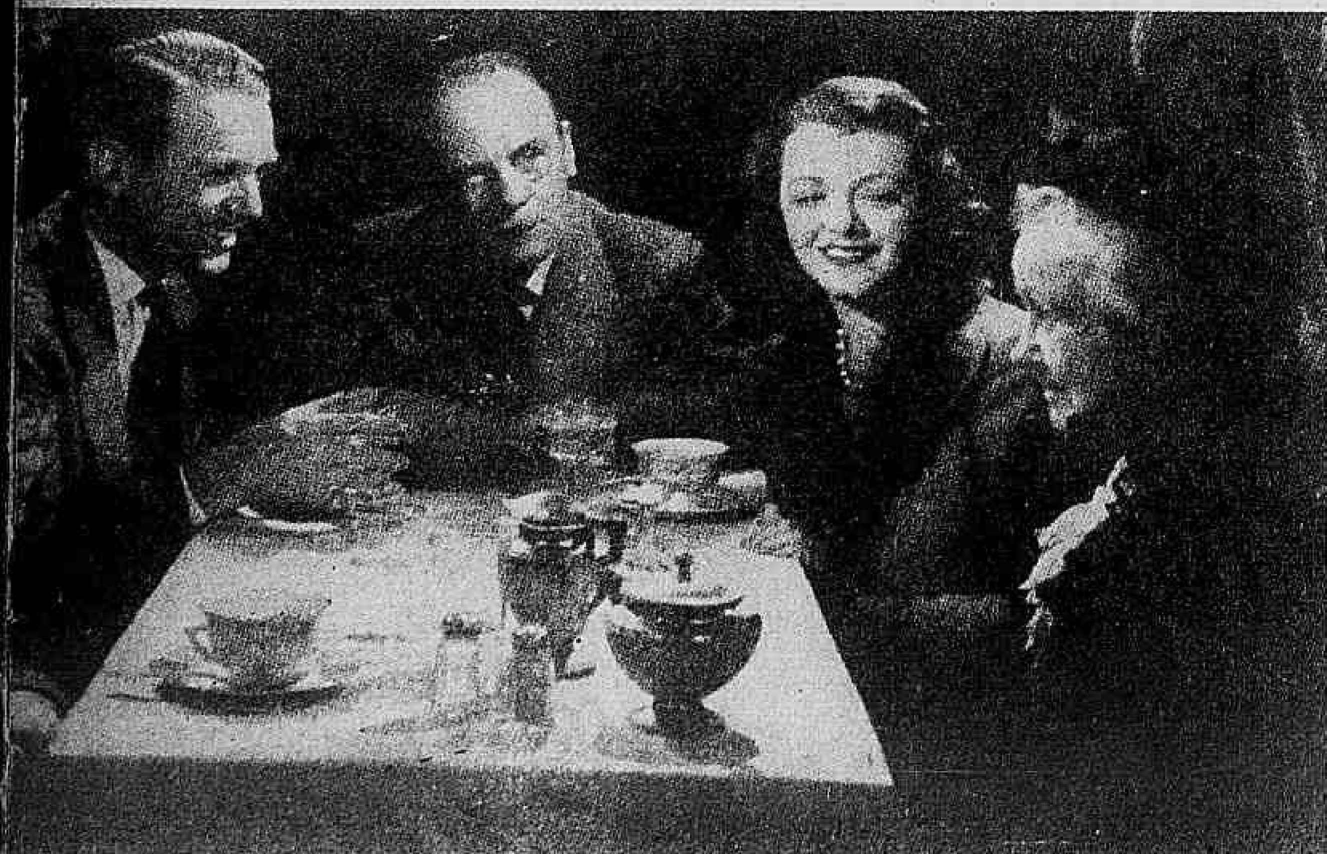
DA DIANA DE "7º CÉU" À JANET

OUVINDO JANET GAYNOR EM SÃO PAULO — CONTRASTES ENTRE DUAS FASES DO CINEMA — CONTINUA ATUANDO AO LADO DE CHARLES FARRELL, NA TELEVISÃO — UMA DUPLA SAUDAÇÃO, POR INTERMÉDIO DE «A CENA»

De OSWALDO DE OLIVEIRA, exclusivo para «A CENA»

Não são comuns as oportunidades de se ouvir, com calma, as famosas «estrêlas» de cinema. Particularmente o caso de Janet Gaynor, maior relêvo pode ser citado. Atravessou, com grande êxito, duas gerações de cinema. Embora, atualmente, esteja afastada da tela, é um nome respeitado por todos. Começou a sua carreira em 1925 nas comédias de Hal Roach e, pouco tempo depois, em 1927, ganhava o «estrelato». Neste mesmo ano tornou-se mundialmente famosa, com a sua criação de Diana, ao lado de Charles Farrel, no famoso «Sétimo Céu». Ganhou o prêmio, um ano após como a maior atriz do ano, pela Academia de Hollywood. Dada a poesia do seu tipo delicado, conquistou as platéias de tôda a parte. O famoso «Aurora», foi outro êxito da época do cinema silencioso. Com o advento do som prosseguiram os seus sucessivos triunfos: «Sunny Side Up»

De poesia contagiante, ficou famosa a água furtada do romance de Diana (Janet Gaynor) e Chico (Charles Farrell) em «Sétimo Céu», versão silenciosa.



Em «Nasce uma estrêla», belo filme de Wellmann, de 1937, Janet Gaynor aparecia ao lado de Fredric March — evocando a trajetória de John Gilbert e Adolph Menjou.





Em «The Young is Heart» logrou outro êxito, com Douglas Fairbanks Jr. e Roland Young, um notável filme inglês.

DE HOJE

(com uma canção que todo o universo cantou: «If y had a tal King picture of you»), «Christina», etc. Nos «talkies» seguiram os sucessos com «Garôta do interior» (refilmado e exibido, há pouco, com Janet Powell, «Senhorita inocência», aliás, bem modificado para um musical), «The Young in Heart» e, particularmente, em outro memorável triunfo: «Nasce uma estrêla». Depois, veio o casamento com Adian, o célebre figurinista da Metro, os filhos, e o abandono da carreira. A presença no Brasil de tão notável expoente não poderia ser perdida por «A CENA» e, assim, durante a realização do Festival, tivemos oportunidade de trazer para os leitores desta revista curiosíssimas declarações.

— «Constitui uma grata emoção verificar que, tantos anos após a minha retirada da tela, continuo a ser lembrada pelos «fans». Foi através de inúmeros pedidos que, há poucos anos, tive que aceitar uma outra atividade artística, a televisão. Passei a atuar, novamente ao lado do meu antigo «galã» de tantos filmes no cinema, Charles Farrell. Entretanto, os «fans» continuam insatisfeitos. Não cessam os pedidos a fim de que regresse, também, ao cinema. Ora, tenho um filho de 13 anos de idade, muitos encargos de família e, sei também que estou avançada de idade. A fim de que essa possibilidade pudesse ser aventada, seria preciso uma história muito especial mas, com franqueza, creio que basta a televisão. Não quero desiludir os que julgam que o tempo não estaciona...»

Alias, constitui um prazer o contacto com Janet Gaynor. «A «estrêla» tem uma distinção e finura marcantes. Isso faz com que o lado físico seja olvidado. Sim, porque é difícil reconhecer, agora, a Diana



A Janet Gaynor da atualidade. O passado e o presente em choque.



de 1927, de «O sétimo céu»... Enquanto o cinema mostrava a heroína de cabelos louros, agora, os tem muito alourados. Depois, cinqüenta anos não são vinte e poucos. A marca do fator tempo está bem frizante embora outros merecimentos superem o vínculo do exterior. E Janet, ante novas perguntas, continuiu:

— «Os meus filmes prediletos são aquêles que o público mais consagrou: «Seventh Heaven», produto do temperamento romântico de Frank Borzage e «A Star Is a Born». As maiores satisfações são aquelas que se prodigalizam e não as ligadas ao egoísmo íntimo.

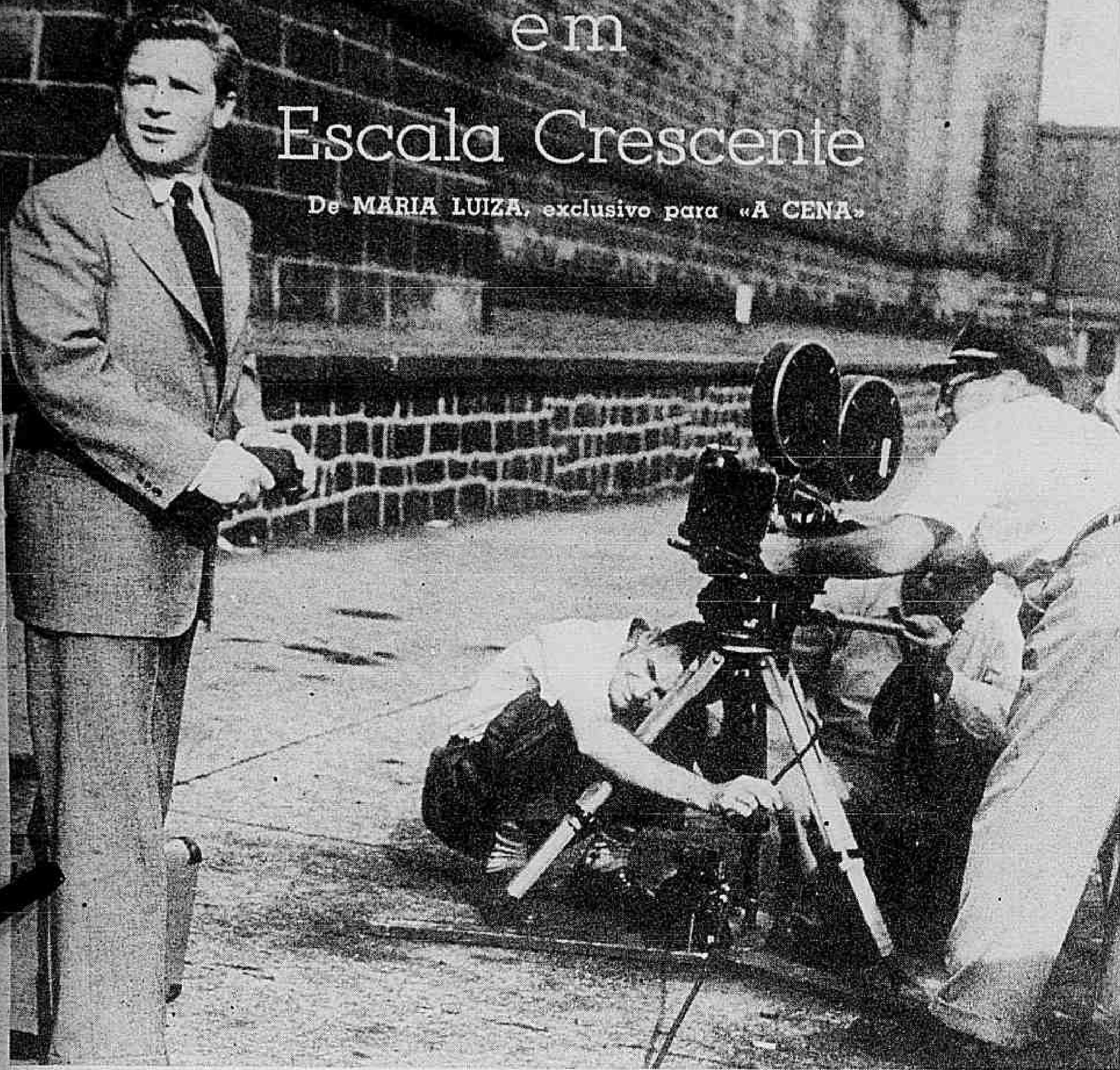
Terminando, a senhora Adrian fêz questão de frizar que, por intermédio de «A CENA» transmitia não apenas as suas pessoais saudações aos «fans» da velha guarda mas que trazia, da parte de Charles Farrell, o encargo de que transmitisse, também, aos antigos admiradores, as profundas reverências de amizade e respeito».



Ao lado de Charles Farrell, com quem continua a atuar, na televisão, no inesquecível filme «Sétimo Céu».

Ídolos da Tela em Escala Crescente

De MARIA LUIZA, exclusivo para «A CENA»



Em «Outside the Wall», Richard Basehart revelou-se um ator discreto e eficiente. Foi a sua escala crescente.

Ídolos de milhares, figuras ideais de um mundo encantado, essa fauna variada e pitoresca que representa frente às câmaras poderia ser classificada em três agrupamentos diferentes: o «astro», o ator e o intérprete.

O «astro» vive da publicidade. Possui uma certa dose de atributos físicos, capazes de atrair boa parte do público, e consegue sucesso com a hábil exploração dêsses atributos. O «astro» tem a obrigação de mostrar-se original. A vida fora da tela de um herói romântico deve ser o prolongamento de suas aventuras cinematográficas. O modo de vestir-se, também pode impressionar muito. O aspirante ao «estrelato» que freqüenta festas de «smoking», xadrez, meias vermelhas, ou com um grande laço no pescoço, à guisa de gravata, talvez conseguirá um vantajoso contrato. A publicidade se encarregará de lançá-lo como um rapaz que tem horror às convenções, ou algo semelhante. E a «starlett» que veicula notícias prodigiosas a respeito de suas dimensões, ou do fechamento de suas curvas, será promovida a «estrêla» num abrir e fechar de olhos. Pois a «estrêla» é, atualmente, não mais que uma «pin-up». Uma «pin-up» que tem o direito de se movimentar e falar, mas que, se ficasse imóvel e muda, o efeito seria quase o mesmo. Ela fala e anda apenas para acrescentar lubricidade às suas atitudes.

A luta por um lugar de sucesso no firmamento de Hollywood, tornou-se uma competição histérica da qual saem vencedoras as candidatas «mais bem desenvolvidas». E uma vez conquistado o cobiçado pôsto, para mantê-lo, basta de quando em quando um feito sensacional para sair nos noticiários de jornal. Por exemplo, um salto na piscina em traje de gala, para mostrar que uma caneta é à prova dágua...

O trabalho do ator é mais honesto. Êle sabe representar, mas não consegue se esquecer. Vive com sinceridade as atribulações de outrem, mas sempre com o mesmo modo de sentir — o seu. Não chega a despir-se de sua personalidade, mas absorve o personagem que deve interpretar, adaptando-o ao seu temperamento. Seu trabalho não tem acabamento e peca pelo superficialismo. É o desempenho que visto uma vez satisfaz, mas no qual não se descobrem novos detalhes sutis, quando revistos. É o tipo do ator de que se costuma dizer «que se repete».

Enumerar exemplos seria fastidioso, pois a lista tornar-se-ia extensa demais. Não enquadramos aqui os atores a que são confiados sempre os mesmos tipos de papel. Não há fonte inesgotável.

Um protótipo dêsse grupo é Kirk Douglas. Bom ator, sem dúvida, mas deixou êle alguma vez de ser Kirk Douglas? Antes o jornalista de «Montanha dos sete abutres», o policial de «Chaga de fogo», o produtor de filmes de «Assim estava escrito» e o acrobata de «História de três amôres» fazem um todo com o ator. Questão de opinião, mas achamos que Douglas tem limitações e que se mostra cada vez mais consciente de que é «Kirk Douglas, o melhor dos atores jovens do cinema americano atual».

Preferimos figuras mais modestas, como Richard Basehart, e que por isso mesmo identificam-se melhor com os personagens que interpretam. Estreando numa criação impressionante em «O demônio da noite», Basehart fêz o que pôde — A seguir, pelo menos, conseguiu salvar do ridículo o Robespierre que lhe coube representar em «À sombra da guilhotina». Depois de dois filmes de guerra sem novidade, Basehart teve outro desempenho, discreto mas eficiente, onde podia-se notar o acabamento, o cuidado dos detalhes, em «Tensão». Um trabalho marcante do jovem ator foi no bom filme «Horas intermináveis», que ficou escondido na tela do cinema Rex. Richard Basehart ainda pode progredir, pois é muito moço. Mas suas interpretações já evidenciam algo mais que a de um ator comum; êle consegue criar.

Kirk Douglas pode ser reconhecido atrás dos papéis mais diversos. Ei-lo com a agora célebre Marilin Maxwell em «O Campeão».

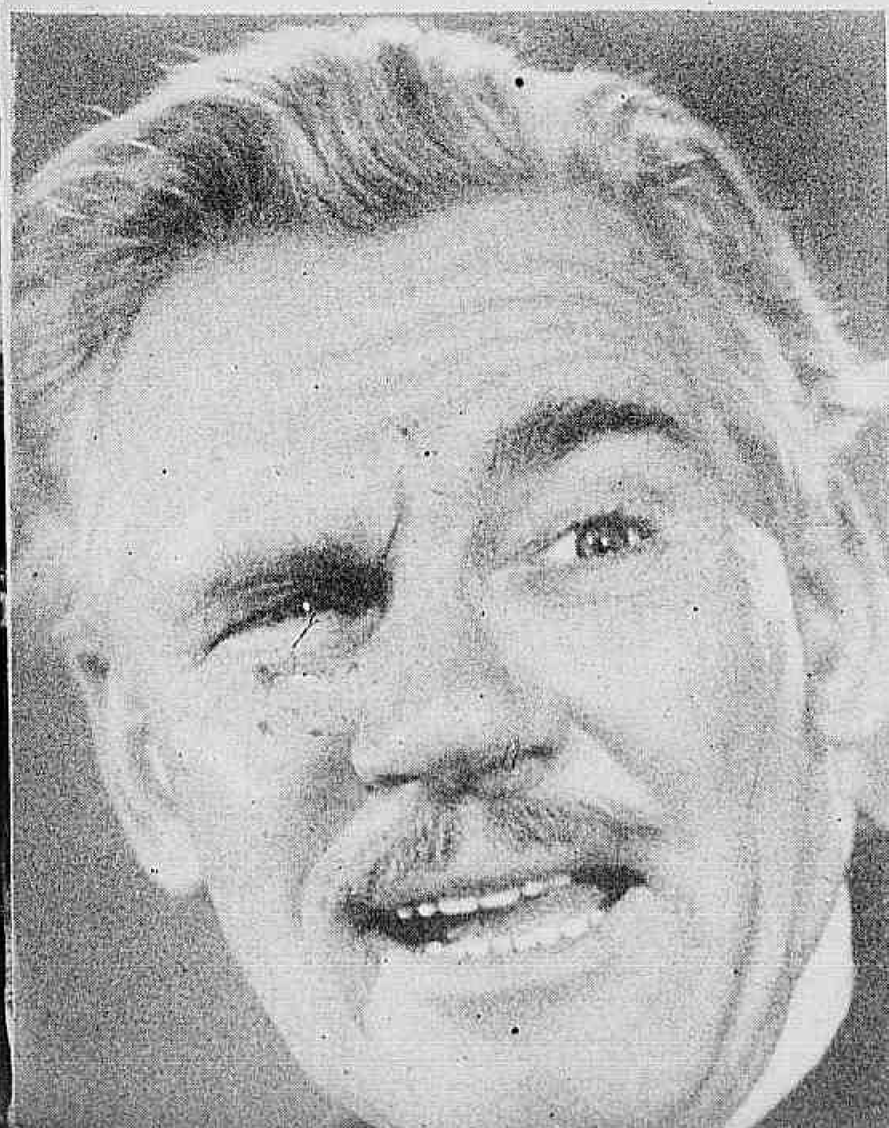




Kirk Douglas, Burt Lancaster e Lizabeth Scott, dois atores e uma «starlett».

O dom do desdobramento, a segurança discreta da profissão só o intérprete possui. Êste, melhor que o simples ator saberá dar o valor humano ao personagem que deve viver. Apenas o diretor do filme poderá auxiliá-lo, criando o clima propício sem o qual êle não poderá sentir ou evoluir. Nem mesmo com a maquilagem poderá contar inteiramente, pois após o efeito de surprêsa, na aparição, o espectador sentirá perfeitamente o vazio, se não houver habilidade bastante da parte do intérprete para ser algo mais que uma máscara.

Walter Houston apesar de desempenhar geralmente papéis secundários, é um exemplo típico do intérprete.



O intérprete sempre se renova, e em cada novo papel, faz-nos sentir, a cada novo contacto que com êle tomamos, como em presença de uma pessoa diferente. São as personagens que tomam emprestados os traços do ator, e adquirem vida, como numa encarnação mediúnica.

Walter Huston, no cinema americano, foi um intérprete excepcional. Sua criação como «Mr. Scratch», o diabo de «O homem que vendeu a alma», um diabo sarcástico, matreiro, malicioso, foi perfeita. Como esquecê-lo em «O tesouro de Sierra Madre», o seu último desempenho para o cinema, como aquêle velhote meio louco, que começa a dançar ao deparar com o ouro?

E Pierre Fresnay, ûm parisiense que consegue ser marselhês, um marselhês típico, botequineiro do cais de Vieux Port, e que, contracenando com marselheses, não nos deixa perceber que o sotaque é fingido ou a gesticulação ensaiada. Que, de botequineiro e garagista na trilogia «Marius», «Fanny» e «César» de Pagnol, êle passa a oficial de nobre linhagem em «A grande ilusão», e não se consegue reconhecer naquele cavalheiro refinado as características do «garçon» que namorava Fanny enquanto enxugava os copos, a não ser uma semelhança física... Do inspetor de polícia em «O assassino mora no 21» ao médico em «Sombra do pavor», ou a São Vicente em «O capelão das galeras», que abismo os separa! E em pouco mais de dez anos, Fresnay já fêz de tudo, e sempre com igual perfeição.

Fresnay é o intérprete ideal. Do botequineiro ao nobre, de santo ao endemoniado. Sempre sutil, sempre discreto. Pois, como diz Fernand Ledoux, outro excelente intérprete do cinema francês: «Reduzir Napoleão à célebre mecha colada na testa de gênio, à mão mergulhada no colete, ao tom autoritário, mesmo para pedir os chinelos, ao andar nervoso de um sargento ranzinza diante de seus recrutas alinhados, parece-me uma composição digna dos pensionistas de um asilo de loucos!»

Pierre Fresnay, magnífico intérprete do cinema francês. Sempre correto.





A poesia das garças, em movimentos no espaço, combinados com os acordes da música de Liszt.

O MAIS BELO CURTA-

"AVES AQUÁTICAS", A OBRA-PRIMA MAXIMA QUE O CINEMA APRESENTOU ★ A MAIOR CONTRIBUIÇÃO DE DISNEY, EM HOLOCAUSTO À NATUREZA E AO BELO ★ ANALISANDO OS PRINCIPAIS FILMES CURTOS DO FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA.

De JONALD, exclusivo para A CENA

Difíceis os confrontos em arte. Além do mais, perigosos e, por vêzes reprováveis. Tornam-se penosas as comparações. Há muitas coisas que se vêem na tela, acentuadamente grandiosas mas, cada uma no seu determinado gênero. Não se pode efetuar uma tabela de logarítimos e decifrar, por frações, qual o máximo em valor artístico. Entretanto, em matéria de sentimento há um mundo de incomensuráveis emoções. Há determinados contatos com o belo que promovem uma rara lembrança de êxtase, de fremito e são, infelizmente, muito raros. Se tomar por base um julgamento pelo lado interior e não por confrontos, a maior das vêzes absurdos, não terei dúvida em afirmar que a seqüência final de «Aves aquáticas» tenha promovido a mais grata das sensações artísticas que um filme curto tenha proporcionado.

Pertence a série de. «Maravilhas da Natureza» e é a maior criação de Walt Disney. O seu «climax» parte de soberba idéia. Figurar, em imagens, através de elementos da natureza, as aves aquáticas de várias espécies e países, em movimentos e evoluções, no espaço ou em terra, congraçando música e coreografia. As aves deslizam no espaço, solitárias (nos pianíssimos), em grupos (nos alegros crescendo) ou em revoadas (nos alegres vivaces) mas sempre inspiradas no sentido da beleza do movimento e da exatidão do motivo, ligados ao amplexo da música e de uma imensa sinfonia de dança — a própria natureza que baila no espaço.

Foi uma fantástica divagação esta de Disney, a mais surpreendente de quantas o cinema realizou, no gênero. Os elementos da criação foram, pacientemente, solicitados, anos a fio, por intermédio de numerosas equipes técnicas de fotógrafos. As aves prestaram esta inadvertida cooperação, funcionando como «extras» ou figurantes de grandes massas, em terra firme, nos mares ou na vastidão do espaço. Com uma paciência sem limites, uma sábia equipe de montadores procuraram adaptar ao que surgiu, espontâneo, em meio do incomensurável da natureza, a uma rapsódia, a de Lizst (a de número 2). Com absoluta precisão, êste imortal trabalho congraçou o pictório, a elementos vivos na natureza e os escolheu ao ritmo dos movimentos ondulantes da música e de uma infinita coreografia. Esta tão preciosa quanto rara expressão sugere a vivificação do belo, em estado de pureza. Sugere uma conquista a mais, no campo de uma gloriosa perfeição. Ascende aos encantos conhecidos, como se fôsse uma superação do homem, uma busca a desconhecidos rumos emocionais. Em uma terra em que o progresso material é sempre ascendente enquanto mínima são as conquistas para o mundo espiritual, um filme desta natureza tem um verdadeiro poder simbólico de elevação de sentimentos.

«CRINA BRANCA»
(França)

Uma excepcional contribuição da França ao filme curto artístico. A história de um menino, de um cavalo branco, selvagem e de um grupo que busca o animal, a fim de aprisioná-lo. Através de magistral fotografia e de uma plástica de composição impressionante, é descrito um poema em imagens. A amizade que o cavalo selvagem estabelece com o menor mas, ao mesmo tempo, a ânsia de liberdade do animal, aliadas às lutas de ambos contra a prepotência dos que desejavam a sua captura presta-se a diferentes e belos estudos. Apesar do melancólico desfecho, em que o menino e o cavalo desaparecem, em meio das ondas do mar, passando a um outro mundo, m que o sentido do mal se dispersa, prevalece um impacto de rara expressão poética. O sentido pictório e, também, o psicológico, foram captados com desenvoltura sendo, logo após «Aves aquáticas», «The Tel take heart», «Begone Dull Care», de Mc Laren e outros mais, conforme veremos a seguir, autênticas jóias dêste notável desfile de filmes curtos, paralelo aos filmes de longa metragem do Festival.

«BEGONE DUL CARE»
(Canadá)

Pela sua excepcional qualidade rítmica, será êste filme do genial Mac Laren apresentado em «Festival Ballet», o 3º Festival Mundial de Filmes de Dança. No gênero, êste é uma obra-prima, figurando, em traços diretamente feitos na película do filme, a movimentação coreográfica de pontos luminosos, de forma surpreendentemente fantástica. Emociona.

«GAZOULY, PETIT OISEAU»
(França)

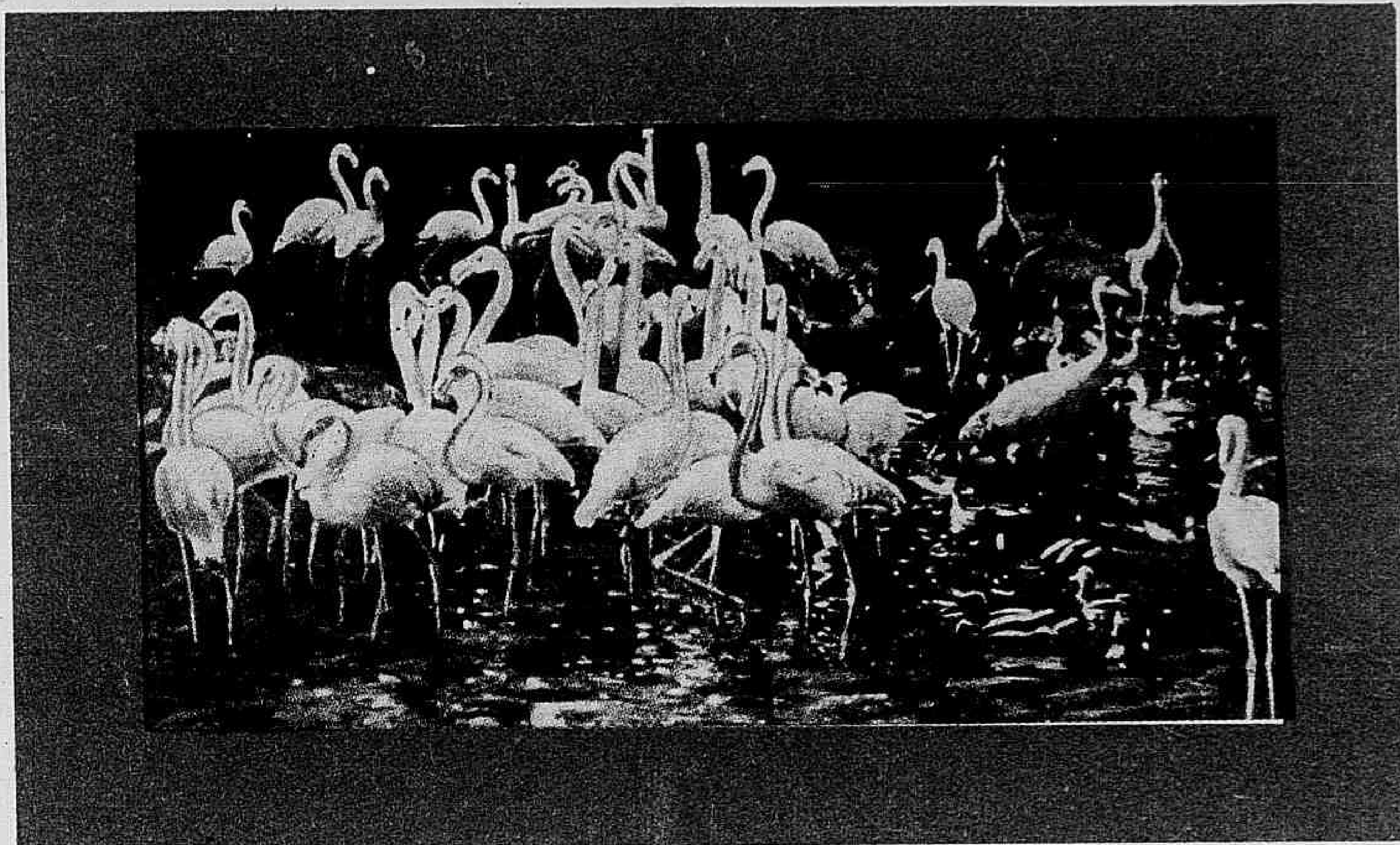
Excepcional, êste é o único têrmo que ocorre para definir o filme de Sônika Bo. Realizado especialmente para crianças, de mais de 6 anos, esta película comove pela pureza de sua forma e conteúdo. A animação dos bonecos é perfeita e demonstra o elevado padrão técnico que atingiu êste cineasta.

Os movimentos ondulantes dos cisnes, e a sua contagiante poesia com a exatidão coreográfica-musical da obra prima.



METRAGEM DO FESTIVAL E DA TELA!

Os flamingos, outra espécie cujos movimentos foram traduzidos em sugestões de beleza



«TROMBONISTA PRECOCE»
(EE. UU.)

Desenho animado, realizado dentro dos padrões da moderna escola americana que emprega as figuras de contornos retos com certo desprêzo pela perspectiva, dada principalmente pela superposição de imagens. Côres valorizadas pelo emprêgo parcimonioso das mesmas. Narra as desventuras de um menino que, enamorado de seu trombone, se vê espulso de sua cidade devido ao seu barulhento aprendizado.

«O PEIXE DOURADO»
(Holanda)

Êste filme holandês apresenta uma feição original que não nos faculta o direito de analisá-lo exclusivamente dentro do ponto de vista cinematográfico. É a união que busca entre a poesia e o desenho animado. Inspirado em um poema que é narrado durante a projeção, contraponteia a imagem. Uma outra feição original é o colorido desenho, muito inspirado, refletindo o traço tão característico dos artistas japonêses. Apesar de tôda beleza que possui, o filme ressente-se de movimentação, valendo entretanto pela ousadia e bom-gôsto que o sobrenadam.

«A LA CLAIRE FONTAINE»
(França)

«Technicolor» sôbre o abastecimento de água na cidade de Paris. Realizado com cuidado, fixa desde o recolhimento à distribuição tornando por isso mesmo (paradoxalmente) um longo curta metragem. Recomendado especialmente para os funcionários do nosso Serviço de Aguas que como todos sabem anda de mal a pior.

«STEADY»
(Holanda)

A principal produção cinematográfica holandesa é de curta metragens. Nisto êles são mestres e fizeram excelente escola, inspirados nas diretrizes traçadas pelo exepcional Joris Yvens. «Steady» é o filme da recuperação da Holanda neste após-guerra. Magnìficamente realizado, tem momentos de tal dinamismo que sentimos como que participar da luta dêste extraordinário povo. Uma pacífica banda de música do exército holandês desfila ante nossos olhos substituindo, naquelas ruas outrora pisadas pelo estúpido passo nazista, por uma cadência musicada de reconstrução.

«ENSAIO DE ORQUESTRA»
(Canadá)

Para quem freqüenta as salas de concêrto, há sempre um mistério envolvendo os bastidores, os ensaios, a criação e estruturação da obra de arte que, em noite de casaca e colarinho engomado, é mostrada a êste oceano de emoções que é o público. Êste material, tão rico, foi desperdiçado em um curta metragem que nada tem de excepcional, sendo mais um pretexto para uma audição de um bom concêrto para harpa e orquestra.

«THEY PLANTED A STONE»
(Inglaterra)

Êste documentário trata da introdução, pela Inglaterra, de novas técnicas de aproveitamento de terras pela irrigação no Sudão Anglo Egípcio. Detem-se em revelar o baixo padrão de vida das populações rurais dêste país e a conseqüência da introdução de novas técnicas agrícolas. Focalizando o aspecto social-econômico, resulta numa apologia ao sistema colonizador inglês. Êste filme parece um anúncio de um produto que mostra duas feições: uma anterior ao uso e outra, bem mais agradável, posterior. Poucos acreditaram . . .

«VITRAIS DE ARTE»
(Itália)

Documentário italiano em «Farraniacolor» que, além do interêsse que a magnífica côr que por êste processo é obtida, revela uma parte didática sôbre a elaboração dessas obras de arte. Entretanto, cinematogràficamente, não cresce conforme seria lícito supor.

«REPTILIANA»
(França)

Filmado no Instituto Butantan de São Paulo, êste documentário francês destaca-se pelo sadismo de seus autores. Fixaram êles os aspectos mais espetaculares do trabalho da instituição brasileira, mostrando detalhes como o estrangulamento de um coelho e a sua ingestão por uma gibóia, aproveitando a lenta deglutição, para «closes» que causam repulsa à platéia. Não se detém em elucidar ou esclarecer vários aspectos interessantes da vida dos répteis ou as diferenças entre os animais peçonhentos e não-peçonhentos o que lograria dar um certo valor educativo à êste curta metragem. Além da narração a faixa sonora é completada por um solo de flauta indu, destas que usam os encantadores de serpentes.

«A CONQUISTA DE UNGAVA»
(EE. UU.)

Dirigido por Larry O'Reilly e montado por David Cooper êste filme fixa aspectos da extração de minérios na região de Ungava. Feito com correção, boa fotografia é entretanto viceralmente desinteressante fixando apenas aspectos da paisagem física sendo o elemento humano apenas côr ao contrário do que é na realidade — imagem.

(Cont. na pág. 32)



O ATOR DAS MIL MÁSCARAS:

ALEC GUINESS

De L. BOLTSHALSER, exclusivo para «A CENA».

Alec Guiness é um ator de surpreendente talento, que consegue compor em cada filme que atua, uma silhueta inteiramente diferente. E sua figura na realidade é tão diversa da que aparece na tela. A publicidade diz que, se seus admiradores cruzassem com êle numa rua, seriam incapazes de reconhecê-lo, o que não é improvável.

Entretanto Guiness opera essas transformações sem emplastrar o rosto, ou adotar maneirismos exagerados que traíriam o «canastrão» por detrás da máscara. Em suas composições usa apenas a maquilagem necessária; os efeitos assombrosos são o resultado exclusivo da troca de expressões.

Guiness, um londrino de 40 anos, desde garôto sonhou com o teatro. No colégio não permitiram que êle pisasse no palco nas festas de fim de ano, pois consideravam-no incapaz de representar. Só depois de muita luta conseguiu convencer os mestres de que podia atuar em uma peça, obtendo um pequeno papel em «Macbeth». Aos dezoito anos deixou a escola para empregar-se num escritório de publicidade, mas continuava «namorando» o teatro de longe.

Mais tarde, ganhou uma bôlsa de estudos na Escola de Arte Dramática de Fay Compton; deixou o emprêgo, atravessando então um período de grandes dificuldades financeiras. O lugar de figurante obtido no cinema em 1931 não resolveu sua situação. Sòmente em 1934, quando ingressou na companhia teatral recentemente formada por John Gielgud, foi que sua sorte melhorou. Conquistou o público teatral, e a atriz Merula Salaman, com quem casou-se em 1938.

Durante a guerra, Guiness serviu na marinha Real, e quando o conflito mundial terminou, foi contratado pela companhia teatral Old Vic, como ator-produtor.

Um dos seus mais famosos trabalhos para o teatro, foi

uma versão revolucionária do «Hamlet» de Shakespeare. Guiness modernizou a peça, transpondo a ação, do castelo para uma biblioteca, enquanto transformou o duelo de florete entre Hamlet e Laertes num duelo de pistola.

Hoje, Guiness é considerado um dos maiores trágicos do teatro inglês, e um especialista nos clássicos. O que não deixa de ser uma particularidade interessante para o público brasileiro que o conhece sobretudo através de suas criações cômicas para o cinema.

Foi em 1945, no filme «Grandes esperanças», que se deu a verdadeira estréia cinematográfica do popular ator. Foi uma estréia discreta, e certamente poucos se lembrarão do magro e simpático Herbert Pockett, com uma franginha loura, eternamente caída em cima do ôlho. Um bom desempenho, mas que não se destacava no conjunto harmonioso de bons atores, hàbilmente conduzidos por David Lean.

O primeiro papel de destaque de Alec Guiness, foi em outra versão cinematográfica de Dickens, «Oliver Twist». Como Fagin, o astuto chefe da quadrilha de meninos, pode exibir seus recursos de mímico, além do seu talento de ator característico. Havia uma cena, inesquecível, uma aula da técnica de roubo, dada por Guiness, com uma mímica prodigiosa.

Extremamente versátil, Alec Guiness desempenha o papel de um jovem romântico.



Alec Guiness como Henry em «As Oito Vítimas»

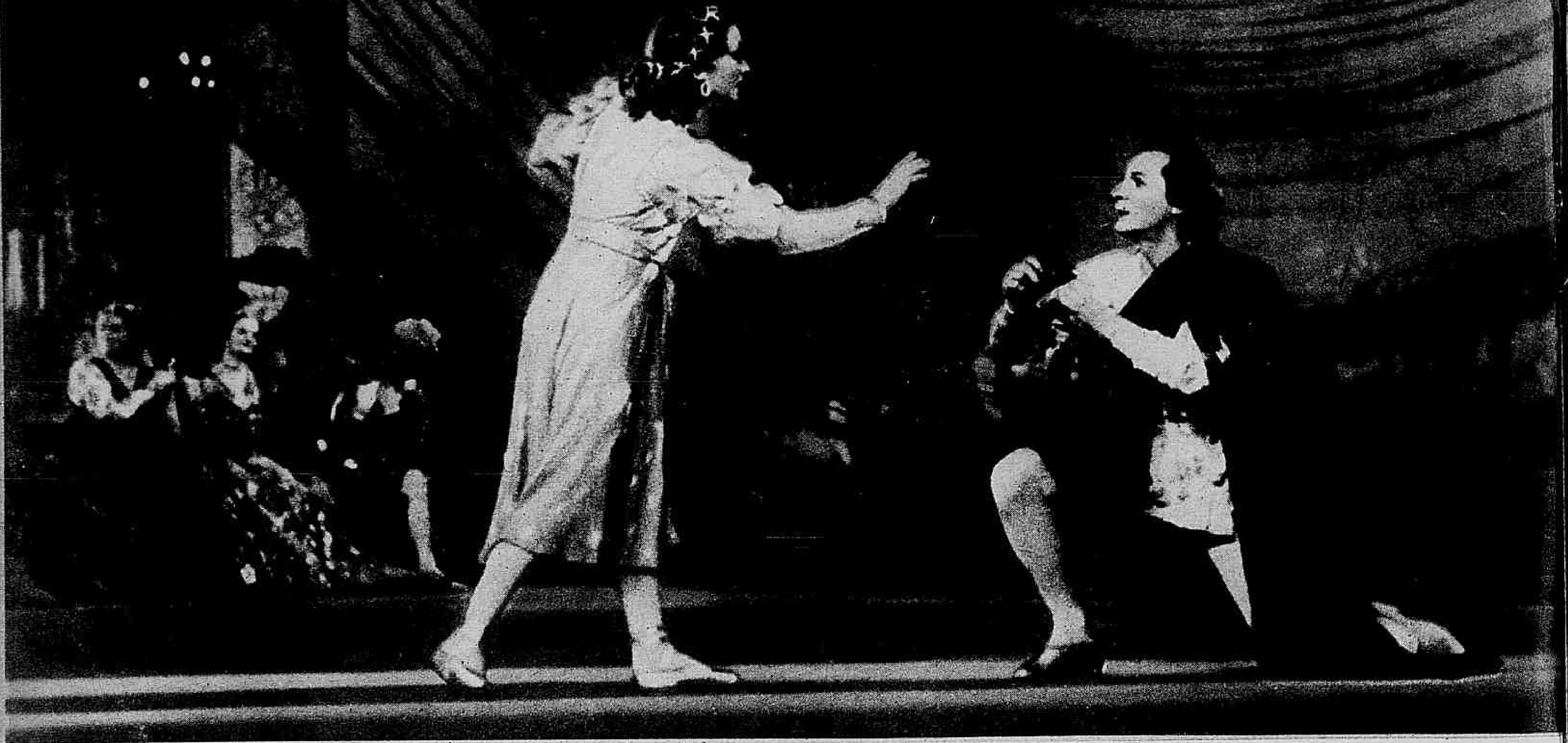
A película que consagrou definitivamente o ator, foi «As oito vítimas». Nesse filme, como os oito membros da família D'Ascoygne, Guiness deu um «show» de versatilidade. Foram composições de grande finura, inclusive na personificação da sufragista, Guiness não cometeu os exageros que por certo desmereceriam sua atuação.

Como o modesto fiscal de «O mistério da tôrre» mostrou-se novamente um ator de composição de classe. Com êsses trabalhos, firmou seu prestígio no cinema, sendo constantemente solicitado pelos produtores inglêses. Seu nome já constitui uma garantia da qualidade do filme.

Os admiradores de Guiness poderão vê-lo futuramente em mais dois trabalhos que são, ao que dizem, excepcionais. Como o químico que descobre uma fibra indestrutível e imanchável, fazendo um terno branco que levará a indústria de tecidos à bancarrota, e incorrendo assim na ira dos industriais. Trata-se de «Odisséia de um inventor», uma sátira de Alexander Mackendrick, e em «The card», onde êle se vê às voltas com Glynis Johns e Petula Clark.

3.º FESTIVAL MUNDIAL DE FILMES DE DANÇA

"FESTIVAL BALLET", O SEU TITULO ★ SUA PRÓXIMA REALIZAÇÃO EM ABRIL ★ INSCRIÇÕES ABERTAS ★ JÁ ESTÃO NO BRASIL GRANDES FILMES ★ IMENSA EXPECTATIVA.



«Romeu e Julieta», com Galina Ulanova, colorido, um dos pontos culminantes do novo Festival.

CABERA novamente ao Brasil a glória de realizar, sucessivamente, após o extraordinário êxito do 1º e do 2º, o terceiro Festival Mundial de Filmes de Dança. «A dança através dos povos», o marco inicial, com o alto patrocínio do ex-ministro Simões Filho e realizado pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo e Comissão do Teatro Municipal, foi uma semente artística e cultural que frutificou. O ano passado, «A dança e a imagem», a segunda reunião mundial do gênero, com a orientação do Museu de Arte Moderna, de São Paulo, e Teatro Municipal, do Rio de Janeiro, foi outra memorável iniciativa. Vibraram Rio e São Paulo com o empreendimento em [illegible] foram apresentados mais de 60 grandes filmes do gênero. Agora, está sendo preparado o terceiro, com as mais modernas efetivações do gênero incluindo, bem provàvelmente, alguns filmes com o «ballet» em terceira dimensão, através do único processo em relêvo, existente no mundo, o «3-D». Será, certamente, o mais grandioso amplexo de quantos se efetuaram e, para isto, os seus realizadores de há muito vêm trabalhando para o seu brilhantismo. Releva notar, também, mais alguns decididos apoios, o da Comissão do 1º Festival Internacional de Cinema do Brasil, que vem colaborando no assunto desde a festividade de longa metragem, recém-realizado em São Paulo, e a Filmoteca Cultural do Rio de Janeiro.

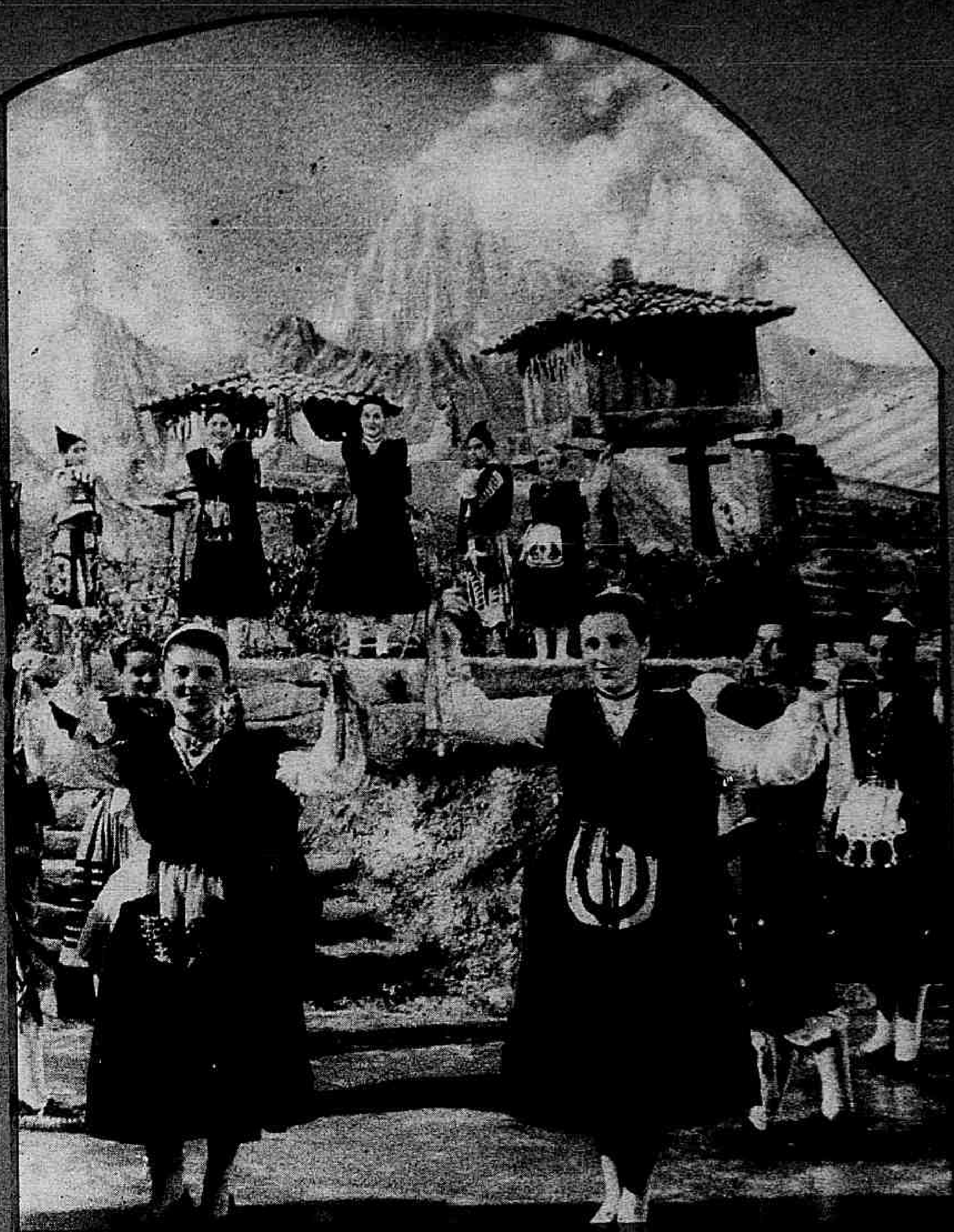
JÁ ESTAO CHEGANDO MODERNOS E GRANDIOSOS FILMES

A França venceu, consecutivamente o primeiro e segundo Festivais, no setor dos filmes curtos. Em 1952, «A memória de um herói» (coreografia de Serge Lifar, com Ludmilla Tcherina) e, em 1953, «Caminhos da dança», com Jean Babilée. Agora, o grande país já fêz chegar ao Rio de Janeiro os filmes que a representarão: «L'Etalagiste», com Colette Marchand e Milord Mishekowich e «Foeilles de Outomne», êste em pré-estréia mundial. A crítica do primeiro e as referências do segundo fazem prever que são os mais perfeitos filmes de «ballet» de quantos realizou a França. A circunstância cria uma áurea de expectativa de realce, mormente devido ao fato das anteriores vitórias. A Itália, que não havia concorrido aos dois primeiros festivais já enviou ao Brasil tendo sido, aliás, exibido em São Paulo (crítica neste mesmo número, no artigo «O mais belo curta metragem do Festival», páginas 14, 15 e 32) estará representada por «Poesia da dança», em «Ferranicolor», admirável realização, com o casal Clotilde e Alexander Sahkaroff, em notáveis criações plásticas, sob a direção de Michele Gandin. O Canadá, outro país que jamais concorrera, figurará com «Begone Dull Care», contribuição rítmica-musical de excepcional novidade. Também teve a sua «premiére» para os convidados da sessão inaugural do Festival de São Paulo. O seu responsável, o famoso Norman Mac Laren, já endereçou uma carta ao «Comité Organizador» pondo à disposição o seu famoso celulóide. Também a Iugoslávia já enviou a sua nova colaboração. Tendo êste país sido um dos premiados do 1º Festival remeteu — também exibido em uma das memoráveis noites de gala do Festival, aliás vivamente aplaudido, conforme o foram, também, os outros acima — o mais moderno filme, aliás em côres. A Espanha também já antecipou a remessa e fêz também, em pré-estréia do Festival Internacional, uma única exibição de dois belos trabalhos: «Flamenco» e «Rondó Espanhol», igualmente inscritos em «Festival Ballet».

OUTROS QUE FIGURARAO EM «FESTIVAL BALLET»

Os Estados Unidos que, no ano anterior, conquistou o maior número de triunfos, circunstância que lhe valeu o Prêmio Diaghileff de 1953, está remetendo um lote de seis películas, duas das quais em terceira dimensão. A relação final das películas dêste fortíssimo concorrente ainda não foi remetida do respectivo Govêrno mas, antecipadamente, podemos informar que é muito importante. Outros países convidados como a Inglaterra, o Japão, a China a Tcheco-Eslo-

Já se encontra no Brasil «Rondó de Espanha», produção de Cezareo Gonzales.



váquia, Polônia, Argentina, México, etc. já estão, igualmente, tomando as necessárias providências. Por sua vez a representação da Artkino em Buenos Aires, a mais importante produtora soviética, decidiu comparecer com um lote de seis filmes coloridos, com as mais importantes realizações filmadas com os «ballets» russos dos últimos anos. Para nós, que já assistimos a essas películas, podemos garantir que são verdadeiramente surpreendentes. Como vêem, sem distinção, todos os grandes países em que a dança figura em primeiro plano, estarão representados em «Festival Ballet».

A ESTRÊIA E OUTROS INFORMES

Dado o extraordinário interêsse que está despertando a realização, que será efetuada em abril próximo, em São Paulo e no Rio de Janeiro, algumas providências já estão sendo tomadas a fim de garantir a presença dos principais interessados em «Festival Ballet». Assim a Filmoteca Cultural do Rio de Janeiro, situada na Rua Alvaro Alvim, 33, 3º andar, telefone 42-0651, já está recebendo os pedidos de inscrição do público para os espetáculos que compreenderão seis exibições, no salão da A.B.I., cuja lotação permite apenas 600 inscritos. Em São Paulo, as projeções, conforme o foram no ano anterior, serão feitas no Cine Teatro São Francisco que, também, já está prestando as necessárias informações ao grande número de entusiastas do assunto. Tudo faz prever que o 3º Festival Mundial de Filmes de Dança — Festival Ballet — seja o maior empreendimento de quantos já foram realizados.

«Melba», produção da United Artists, com Vileta Elvyn e o «Sadler's Wells», também em côres, teve a sua pré-estréia no Festival de São Paulo.





Cena de «Os sete pecados mortais», com Michele Morgan.

OS GRANDES FILMES FRANCESES DE 1952

Por H. ANDERSEN, exclusivo para "A CENA"

Fala-se muito na decadência do cinema francês mas as grandes produções, as que constituem alguma coisa de cinema, ainda não chegaram até nós. Enquanto isto, as distribuidoras estão abarrotadas de sub-produções do cinema europeu e ianque!

Diversas circunstâncias marcaram um certo "ralentando" na produção de filmes franceses nos fins de 1951. O número de peliculas foi bem menor do que se costumava fazer em tal época do ano. Porém, em 1952 a produção francesa volta a recobrar a sua atividade anterior. A diversidade dos argumentos, que é por assim dizer outra forma de vitalidade, originalidade e independência, assegura no estrangeiro, para tôdas as classes de cinéfilos, peliculas que possam oferecer algo para cada aptidão ou cada gôsto.

Mas pode-se discernir entre tôdas as produções àquelas que realmente impor-se-ão como abras artisticas. Assim em 51-52 sairam dos estúdios "La varité sur Bébé Donge", de Henri Decoin. E' uma pelicula magistral e uma tragédia moderna tratada com vigor. "Avec André Gide" é uma pelicuia por assim dizer não comercial, cujo interêsse não ultrapassa o plano puramente cinematográfico. Um pouco da vida e da obra do grande escritor e momentos em que a câmara esquecendo discrições toma alguns aspectos da vida de Gide entre os seus. Um dos interêsses do filme repousa numa aula de interpretação pianistica ministrada pelo velho intelectual que demonstra possuir grandes conhecimentos dos problemas de execução e interpretação!



«Belles de Nuit», de René Clair.

"Casque D'Or" é uma realização do competente Becker, nome que se projetou miraculosamente nos meios cinematográficos de todo o mundo. E' uma crônica dramática de um Paris esquecido. Paris de 1900! Sendo uma história verídica, extraída dos anais criminais da época, terá maior sabor para o espectador comum. Para o estudante de cinema terá um interêsse especial pois o realizador sem ser um mestre, envolve obras com grande cuidado cinematográfico.

"La table — aux — Crevés", é um saboroso conto provençal ensolarado e vivo. Segue-se o famoso "Fanfan la Tulipe", de Christian Jacques, e há quem diga que é um "western" na época de Luís XV! Gérard Philipe encarna um Fanfan La Tulipe com um dinamismo atordoante, e dá ao personagem um caráter de heróis legendários como D'Artagnan e Cyrano. "Fanfan La Tulipe" quando vier, e se vier ao Brasil, trará consigo a fama feita da aceitação que teve entre o público e a critica cinematográfica européia. E' uma pelicula que em pleno século atômico concretiza todo o espirito das lendas e tôda a sua juventude.

Outra produção da época é "O Prazer", que conseguiu vencer os "obstáculos" e chegou até nós numa recente apresentação do cinema Pathé.

"Nez de Cuir", de Yves Allégret, é um gênero novo para o realizador, sendo a narrativa de uma aventura sentimental situada no começo do século passado. Jean Marais com o rosto semi-coberto por uma máscara de cobre, traz dentro de si um coração amoroso, mas o orgulho impedirá a realização de seu amor com a encantadora Françoise Christophe.

"Gibier de Potence", de Richebé, é outra excelente produção de 52 que provàvelmente não chegará até as platéias brasileiras. Em primeiro lugar o filme trará de volta à tela a admirável Arletty. A história é extraída do romance de J.L. Curtis, jovem escritor francês que está no rol das grandes esperanças da literatura francesa. Richebé diz ter escolhido a obra por ser ela um estudo dos costumes.

Uma das peliculas saídas dos estúdios em 1952, de maior fama, é por certo e felizmente, em exibição no Rio, é "O pequeno mundo



Gerard Philipe intérprete de «Belles de Nuit».

de D. Camilo", de Duvivier. E', segundo o próprio Duvivier, uma série de anedotas, uma série de crônicas da vida italiana cuja transposição para o cinema não era tão simples como lhe parecera a princípio. Fernandel é o "astro" do filme e tornou-se o "astro" do dia, retomando a sua antiga fama no cinema francês.

"Sept péchés Capitaux" é, como o título indica, a história dos sete pecados capitais, com os devidos pecadores... e "por certo" brevemente virá ao Brasil. Vários realizadores de fama do cinema francês e italiano comparecem dirigindo a vasta dissertação sôbre o pecado. Assim teremos ao mesmo tempo Rosselini, Yves Allégret, Eduardo de Filippo, Jean Dreville.. Viviane Romance e Michéle Morgan entre outras, Henri Vidal e Frank Villard, serão os intérpretes de "sketchs" sôbre um mesmo assunto, mas animado e realizado por atores e realizadores diversos.

Entre "Trois femmes", "Agence Matrimoniale" e "Nous sommes tous des assassins", o último é sem dúvida a obra de maior vigor e importância. André Cayatte o realizador, diz que o filme seria a última de uma trilogia que teria como fim mostrar três etapas diferentes de um caso criminal: o processo, o julgamento e a execução. O primeiro da série não foi ainda começado pois toca em importante problema — trata-se de sêres vivos e não de um produto de ficção; seria o "Caso Seznec"; o segundo "O direito de matar" ("Justice est Faite"). Finalmente o terceiro "Nous sommes tous des assassins", que para a alegria do público frequentador de cinema estará brevemente em cartaz, é um violento libelo contra a pena de morte, numa vigorosa linguagem cinematográfica. Cayatte considera esta defesa social não só cruel como ineficaz, apela por uma aplicação de justiça preventiva...

"O salário do mêdo", de Clouzot, é um episódio da vida de quatro homens desesperados... que procuram fugir à vida miserável e infeliz, levando uma carga perigosa de nitro glicerina a mil dólares por cabeça. Será por certo uma das melhores peliculas do cinema francês atual.

O admirável "Brinquedo proibido" de Clément, foi outra produção de 52, ano de grande valor qualitativo para o cinema da França.

Outras produções destacadas são "La jeune folle", de Allégret, "Essas mulheres..." ("Adorables Créatures), de Christian Jacques que traz a figura de Martine Carol, elemento tão acariciado pela publicidade! (Já estreado no Rio).

"Belles de Nuit", de René Clair, nome de inestimável valor do cinema, contará a história de um músico de provincia que foge em sonho da triste realidade quotidiana, através do tempo e da história à conquista da glória e da felicidade... Gérard Philipe é Claude, o herói, e contracenará com beldades como Martine Carol, Gina Lollobrigida e Marilyn Buferd.

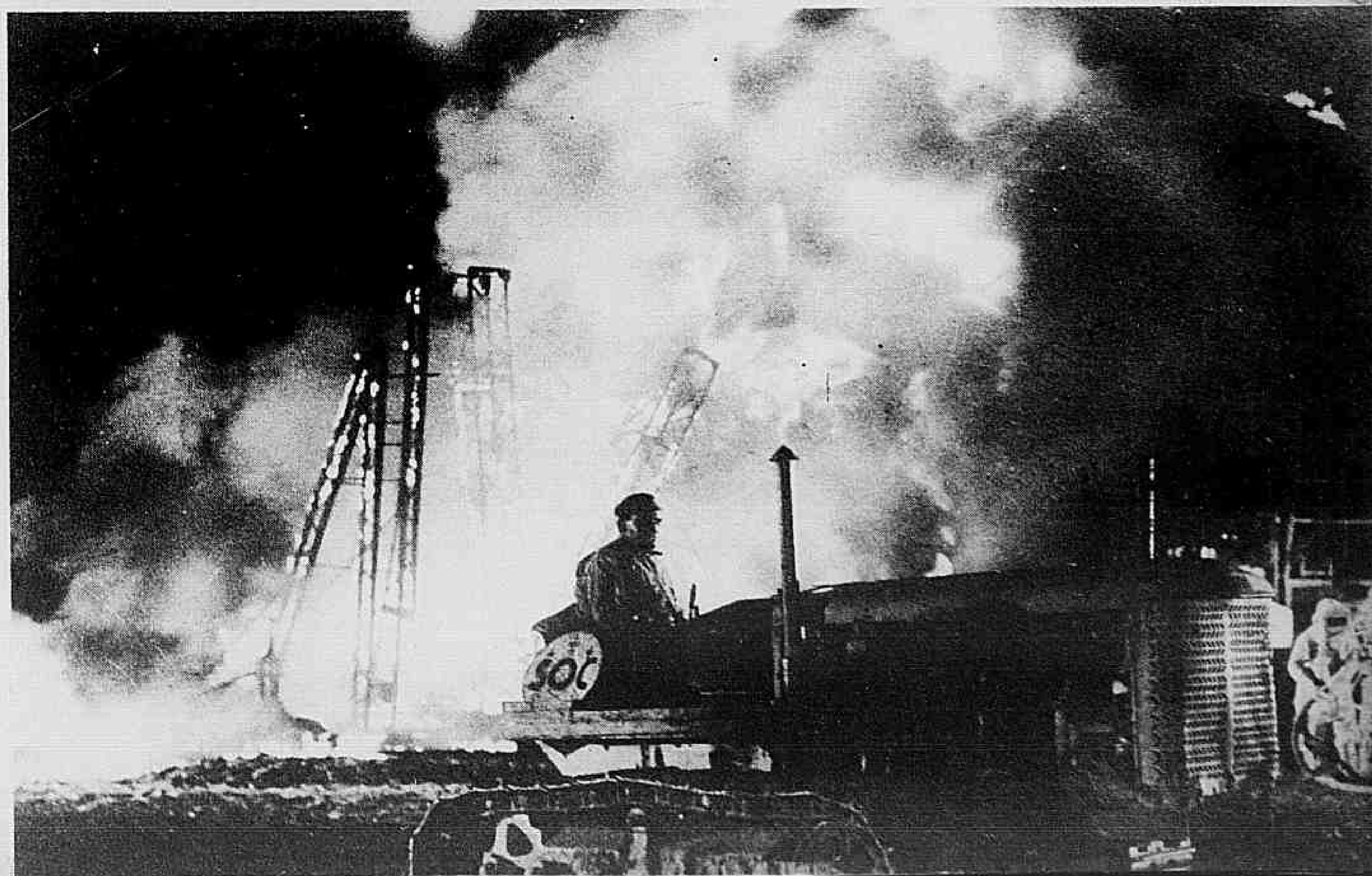
Outra película de grande importância, feita na mesma época é "A respeitosa", contra o histérico racismo e suas consequências.

Para finalizar foi feita em 52 uma comédia, pequena obra prima que tem como ator e realizador o mesmo artista — Jacques Tati. Êsse é um nome destinado a tomar lugar entre os maiores nomes da comédia em todo o mundo. Suas realizações são "Jour de Fête" de 1947 e "Vacances de M. Hurlot", de 1952. "Jour de fête" já tem titulo português — "Carrocel da esperança", cuja expontaneidade de recursos cômicos procura fonte na originalidade marcando a obra de verdadeiro gênio humoristico e tornando o ator bem próximo ao magistral Chaplin. Em "Vacances de M. Hurlot" Tati confessa terse superado... esperemos então! Esperemos não esta, mas tôdas as boas películas francesas que ainda não vieram ao nosso "esquecido" Brasil...

«Lucrécia Borgia», com Martine Carol.

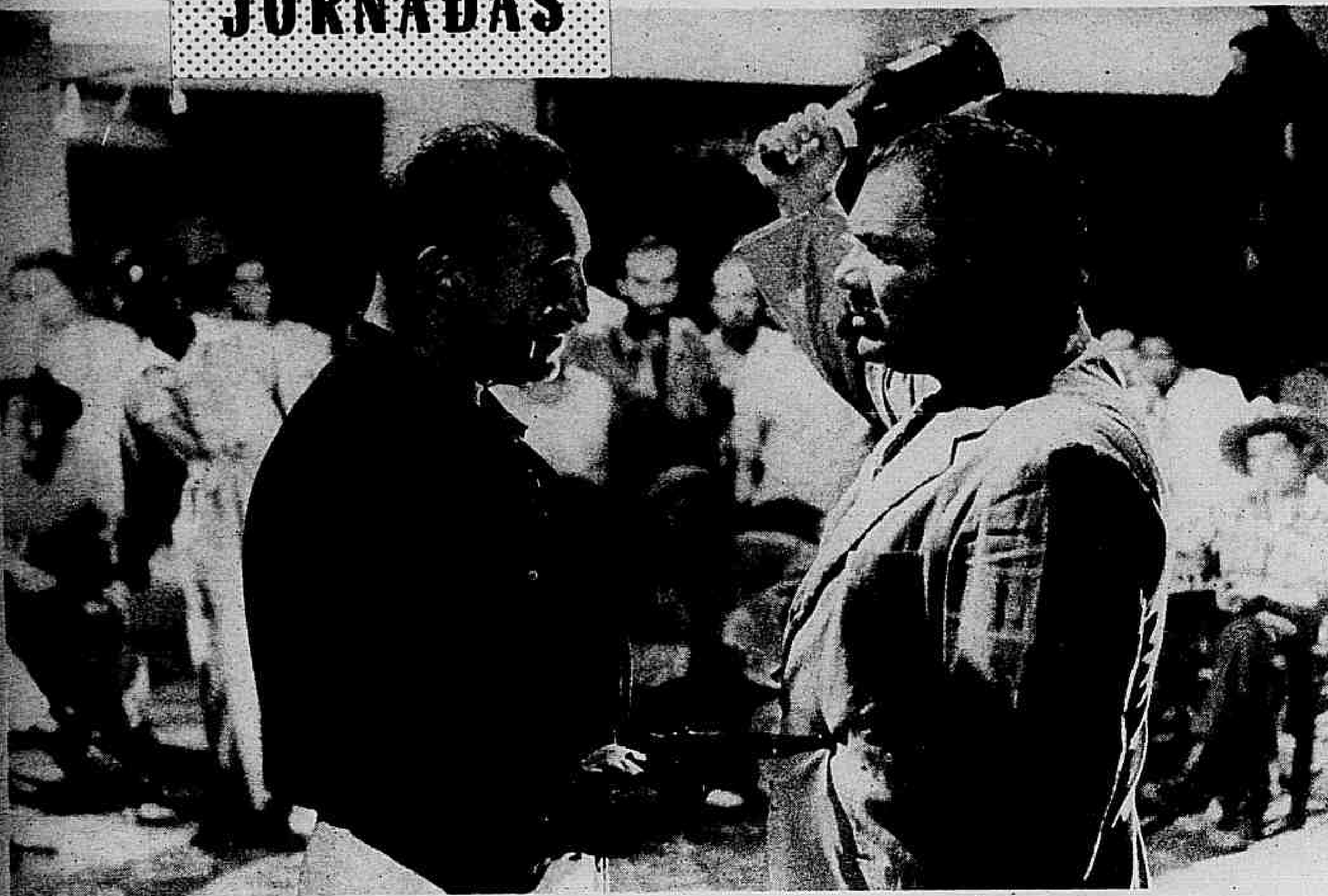


«Salário do Mêdo», afirmação da personalidade de Clouzot.



I das JORNADAS

O JULGAMENTO DO



«Salário do Mêdo», de Georges Clouzot com Yves Montand e Vera Amado.

JONALD, C. MAXIMIANO E SANIN, PARA «A CENA»

«A CENA», O ÚNICO ÓRGÃO QUE COBRIU A PARTE CRÍTICA

Através do seu corpo crítico, presente ao Festival, «A CENA» foi o único órgão, tanto da imprensa brasileira quanto entre os inúmeros representantes estrangeiros, presentes ao Festival, que pôde realizar a cobertura crítica completa dos filmes apresentados. Conseqüentemente, dada a unidade de pontos de vista mantida por sua equipe vem a constituir, pràticamente, o único julgamento possível da realização internacional de São Paulo. Diàriamente estreavam cinco a seis filmes e os seus horários coincidem. Seria impossível a um ou dois cronistas assistirem a tôdas as exibições. Apenas a uma equipe de críticos isto seria cabível e a única presente regular e infalìvelmente, durante o Festival, foi a da «A CENA». Fácil é avaliar que o julgamento das 80 pré-estréias verificadas no Festival (exibições no Palácio do Cinema e Cine Arlequim) que, há três números vem sendo publicada, nas várias páginas desta publicação, e que ainda continuará, foi produto de intenso esfôrço e foi a única que pôde abranger uma visão completa das películas.

FATOR QUANTIDADE: OS ESTADOS UNIDOS, COM 15, FOI O «LÍDER»

No tocante ao fator quantidade, juntando o Festival às «Jornadas», a distribuição por países mostrou o seguinte número: Argentina 5; Alemanha 3; Áustria 1; Brasil 6; Espanha 11; Estados Unidos 15 (o país que maior número apresentou); França 12; Inglaterra 3; Itália 10; Franco-Italiano 1; México 7; Portugal 2; Suécia 2 e Venezuela 1. Total: 80.

QUALIDADE PRECÁRIA: DOS 80 APENAS 13 CLASSIFICADOS COM 3½ PONTOS

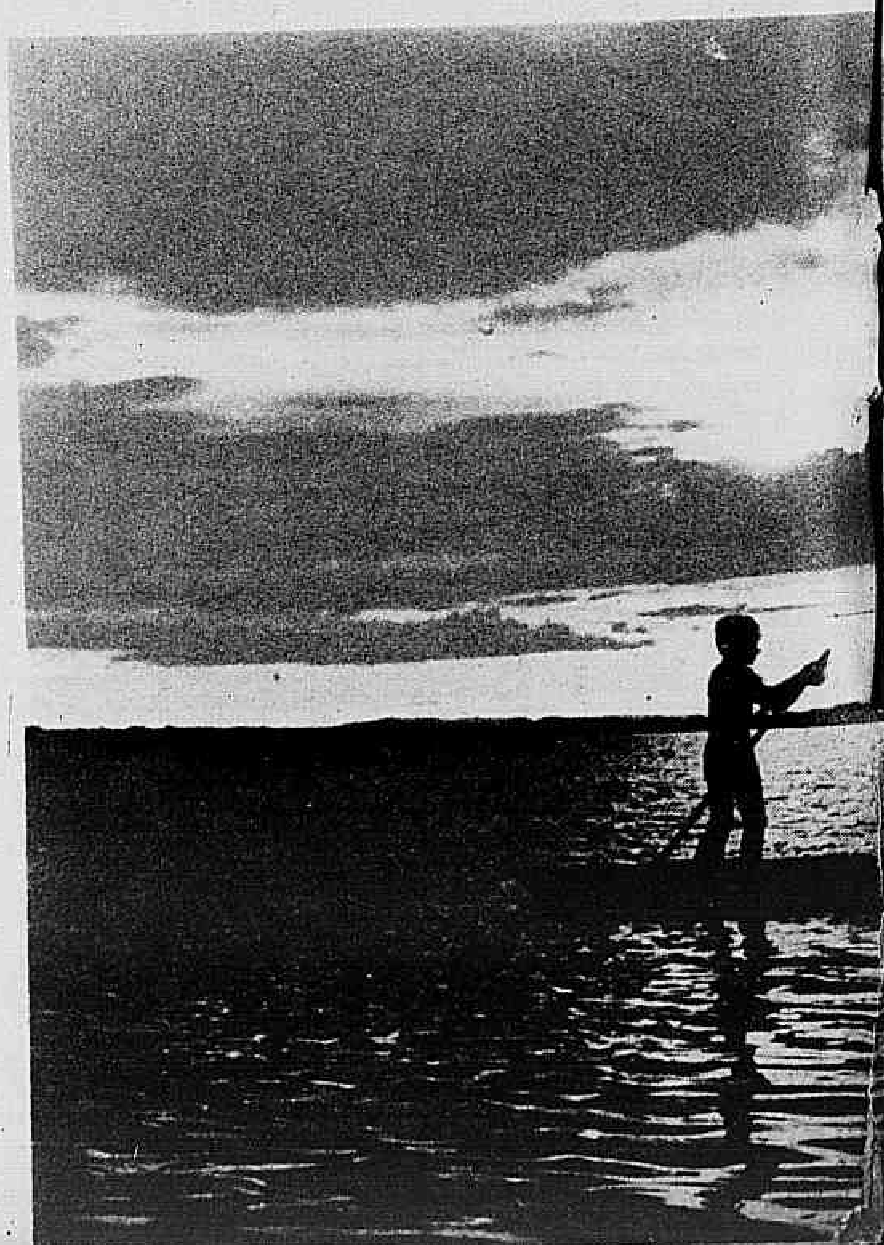
Fixando o elemento qualidade, o padrão geral não foi promissor. Dos 80 filmes, apenas 13 lograram obter a média de três pontos e meio, isto é, considerados muito bons, o mínimo que se pode exigir para um Festival.

OS LAUREADOS DO FESTIVAL (PALÁCIO DO CINEMA)

1º — «A PRINCESA E O PLEBEU» (Estados Unidos), direção de William Wyler, com Audrey Totter e Gregory Peck. Obteve 4 pontos (crítica a ser publicada na secção de Pré-Estréia de «A CENA»).

1º — «O TRIGO ESTÁ CRESCENDO» (França), direção de Claude Autant Lara, com Edwige Feullière, Nicole Berger e Michel Beck. Logrou 4 pontos. A análise está sendo publicada hoje, na página 3 desta revista.

1º — «NOITES DE CIRCO» (Suécia), direção de Ingmar Bergman, com Axe Gromberg e Harriet Andersson. Mereceu quatro pontos. Esta crítica figura na



A poesia das imagens valoriza «Crina Branca», um excelente documentário francês.

FESTIVAL

relação que virá entre os próximos números de «A CENA».

4º — «CORAÇÃO DE CRISTAL» (Suécia). Direção de Gustav Mollander, com Hasse Ekmann e Gunn Wallgren. Três pontos e meio e análise no próximo número de «A CENA».

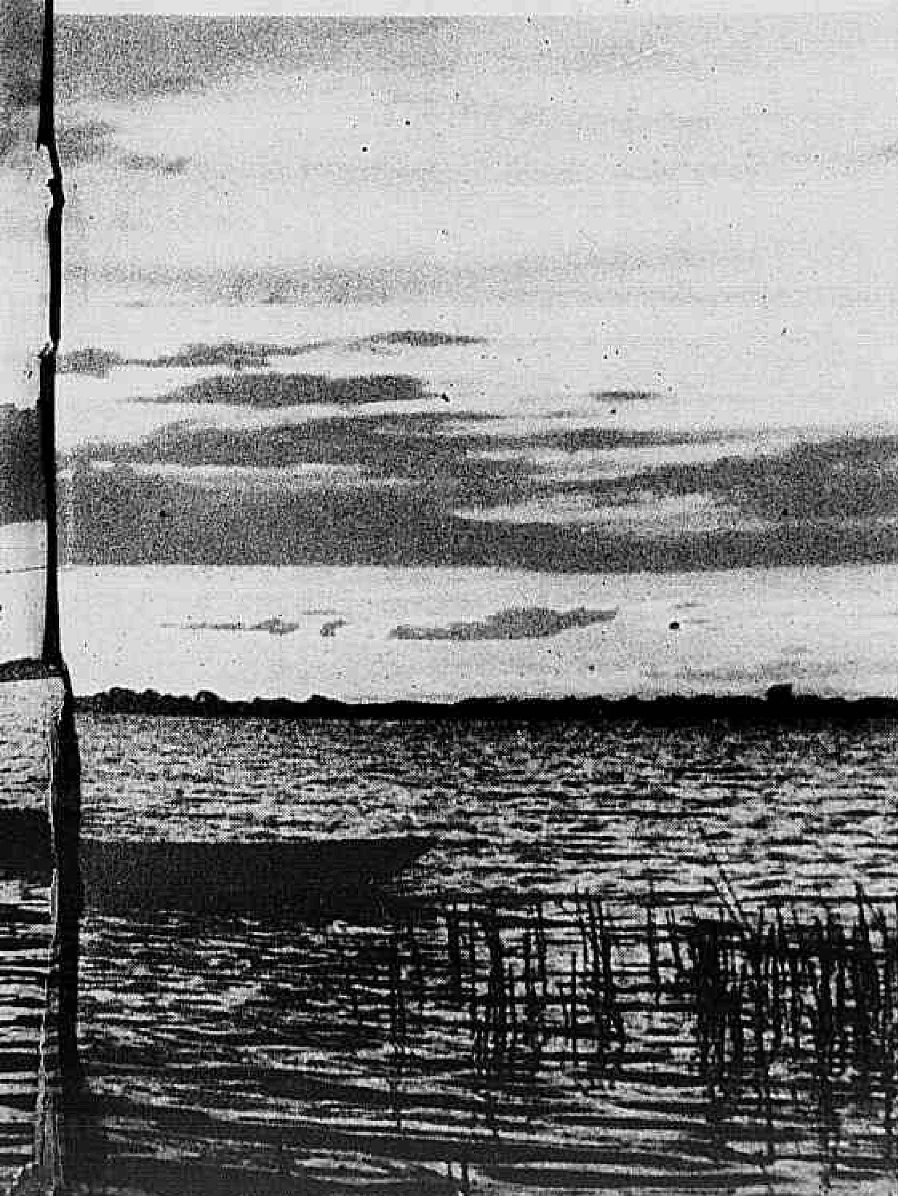
5º — «GENEVIÈVE» (Inglaterra). Direção de Henry Cornelius. Desempenhos de Dinah Sheridan e John Gregsson. Crítica a ser estampada em «Pré-Estréias».

NAS «JORNADAS» (CINE ARLEQUIM)

1º — «O SALÁRIO DO MÊDO» (França). Direção de Henry Georges Clouzot. Interpretações de Charles Vanel e Yves Montant. Conquistou quatro e meio pontos. Crítica já estampada em «A CENA».

1º — «BELLES DE NUIT» (França). Direção de René Clair. Atuações de Gerhard Phillipe e Martine Carol. Já comentado na revista.

3º — «IL VITELLONI» (Itália). Direção de Frederico Fellini, com Lenora Ruffo e Alberto Sordi. Quatro pontos e crítica no próximo número.





I das JORNADAS

«A Princesa e o Plebeu», história romântica vasada de espírito, com Gregory Peck e Audrey Hepburn.

3º — «OUTROS TEMPOS» (Itália). Orientação de Alessandro Blasetti, com Rina Morelli e Sérgio Tofano. Fêz jus a quatro pontos e já foi comentado em «A CENA».

3º — «OS BRUTOS TAMBÉM AMAM» (Estados Unidos). Direção de George Stevenson, com Van Heflin e Jean Arthur. Análise já publicada.

6º — «LE BON DIEU SANS CONFESSION» (França). Direção de Claude Autan Lara, com Daniele Darrieux e Henri Vilbert. Quatro pontos foi a sua classificação e já foi alvo de comentários há dois números atrás.

7º — «A RÊDE» (México). Direção de Emílio Fernandez, com Rossana Podestá e Crox Alvarado. Já comentado em «A CENA».

8º — «FLAMENCO» (Espanha), Orientação de Edgar Neville. Desempenhos de Antonio e Elvira Real.

CURTA METRAGEM, CIENTÍFICOS, etc.

Nas páginas 14, 15 e 32 estão relacionados os julgamentos dêstes outros importantes aspectos do Festival.

«Blé en Herbe», de Claude Autant-Lara figura o amor adolescente.



Curiosidades e "Close-ups"

De MARIEN
(Exclusivo para «A CENA»)



Cheta, a mascote ideal para Rex Barker, gosta de beijos assim, como se vê.

«HOBBYS» DOS «ASTROS» E «ESTRÊLAS»

Os astros do cinema têm as suas manias. Coleções, superstições, coincidências incríveis no seu destino artístico, curiosos aspectos da vida de cada um dêles. Seguem abaixo algumas notas curiosas (verdadeiras).

Em matéria de criar animais, são muitos os «astros» que criam êsses bichos. Farley Granger tem um cachorro peludo de nome Gabe. Alan Ladd tem um novo cão em sua coleção. E' um «basset», de nome Beret. Jessica e Vitória, filhas da famosa Betty Grable, distraem-se ensinando a um louro falar. Jean Peters tem um piriquito no seu apartamento assim como Patrícia Lacerda «estrêla» do cinema nacional, tem o seu louro e chama-se Cravo. Anne Francis criava em sua casa uma cobra, presente de um repórter, que sabia que a «estrelinha» gostava de réptis. Elizabeth Taylor tem um cãosinho, e adora muitos outros bichos. Lex Barker, o atual Tarzã, vive as suas aventuras no meio dos mais variados animais (?!), mas não possui nenhum. Os bichos que ficariam bem para êle, seriam um gato angorá ou, então, a própria Cheta!

Como colecionadores, ainda, Farley Granger possui os mais variados objetos, como cristais, cerâmica, cêstas, tapêtes, pinturas a óleo e dúzias de outras coisas típicas. O diretor W. S. Van Dyke possui uma preciosa coleção de objetos indígenas. Dick Powell tem uma estranha coleção de retratos, com caras de todo mundo. Se algum lhe pede uma foto, êste faz o mesmo, quer uma em retribuição. Will Rogers colecionava selas de montar. A personalíssima Joan Crawford, coleciona bonecos e bonecas. Rosemary Clooney tem uma grande discoteca, talvez a maior de Hollywood. Daniel Gelin aprecia imensamente o modernista em matéria de pintura: Picasso. Bette Davis tem uma coleção de fotografias dos seus oitenta filmes, em um grande álbum, presente de seu marido por ocasião de seu aniversário. Em vestimenta, Tyrone Power tem uma grande coleção de sapatos e meias. Falando de meias, Van Johnson só usa meias vermelhas.

Na maneira de dormir, talvez o caso de Heddy Lamarr seja o mais curioso. A famosa Dalila dorme completamente



Elizabeth Taylor com o seu cãosinho de estimação.

despida, segundo o seu gôsto. Pier Angeli quando garôta só dormia se tivesse junto a si o seu ursinho de pano. Jane Russell prefere dormir de camisola. Vejam só!

Robert Taylor adquiriu num antiquário de Roma um amuleto, para ter sorte durante as filmagens de «Quo Vadis?». No dia em que começou a usá-lo Barbara Stanwick pediu divórcio...

Muitos «astros», hoje riquíssimos, antes de ingressarem no cinema tinham profissões bem mesquinhas. Victor Mature era vendedor de açúcar. Errol Flynn trabalhava numa fábrica de bebidas alcoólicas, seu serviço era cheirar as garrafas depois de lavadas, para sentir se não tinham outro odor. Em conseqüência, meses depois abandonou o emprêgo pois estava com o nariz queimado bem na ponta.

Heddy Lamarr era costureira. Maria Antonieta Pons a famosa rumbeira mexicana, era jogadora de «basket-ball». Jane Wyman já foi campeã de tênis e já praticou todos os esportes. Tab Hunter já trabalhou de garção, de chofer, moço de recados, vagalume de cinema, caixeiro de farmácia e até ama-sêca de cachorro. Dana Andrews trabalhou numa bomba de gasolina. O mais famoso «astro» da tela, Rodolfo Valentino, ensinava passos de tango. Charles Spencer Chaplin, famosíssimo e rico atualmente, pode-se considerar que tenha sido o mais pobre na infância, que qualquer outro artista do cinema. Burt Lancaster já dormiu em bancos de jardim. São muitos os «astros» que começaram no infortúnio e alcançaram o «estrelato». E ainda existe o caso da Super-Super, ultra curvilínea Marilyn Monroe que para poder comer um bife teve que se submeter a uma prova duríssima (?), ficar completamente despida, sendo fotografada para uma série de calendários, o que lhe valeu o «estrelato». Para finalizar êsse tipo, vem o novíssimo, que aconteceu completamente ao contrário. E' o caso de Dick Haymes, que depois de famosíssimo, e cheio de dinheiro, veio a ser sustentado por sua espôsa, Rita Hayworth. Êle estava cheio de dívidas, e tinha umas «diferenças» com o govêrno americano. Não achou melhor solução do que enredar «Gilda». Até as mulheres fatais (na vida real) acreditam no «conto»...

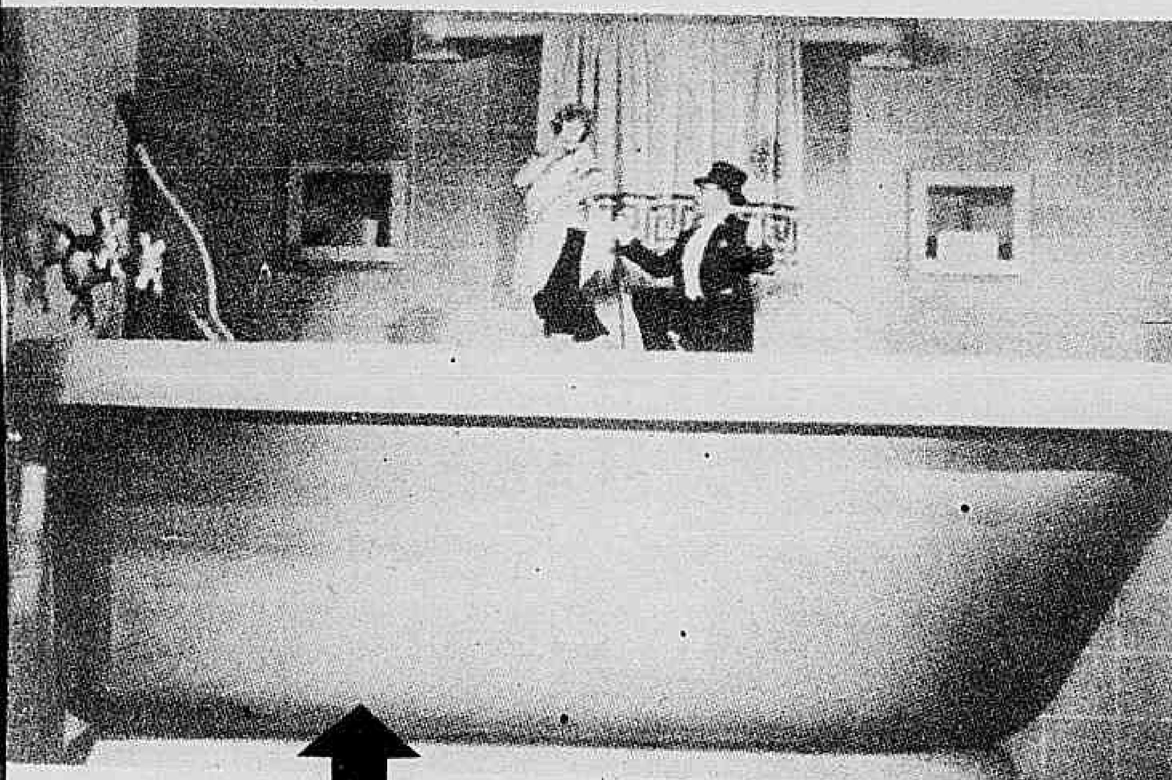
Lassie Júnior, modêlo para os filmes do gênero e um «hobby» que seria disputadíssimo.



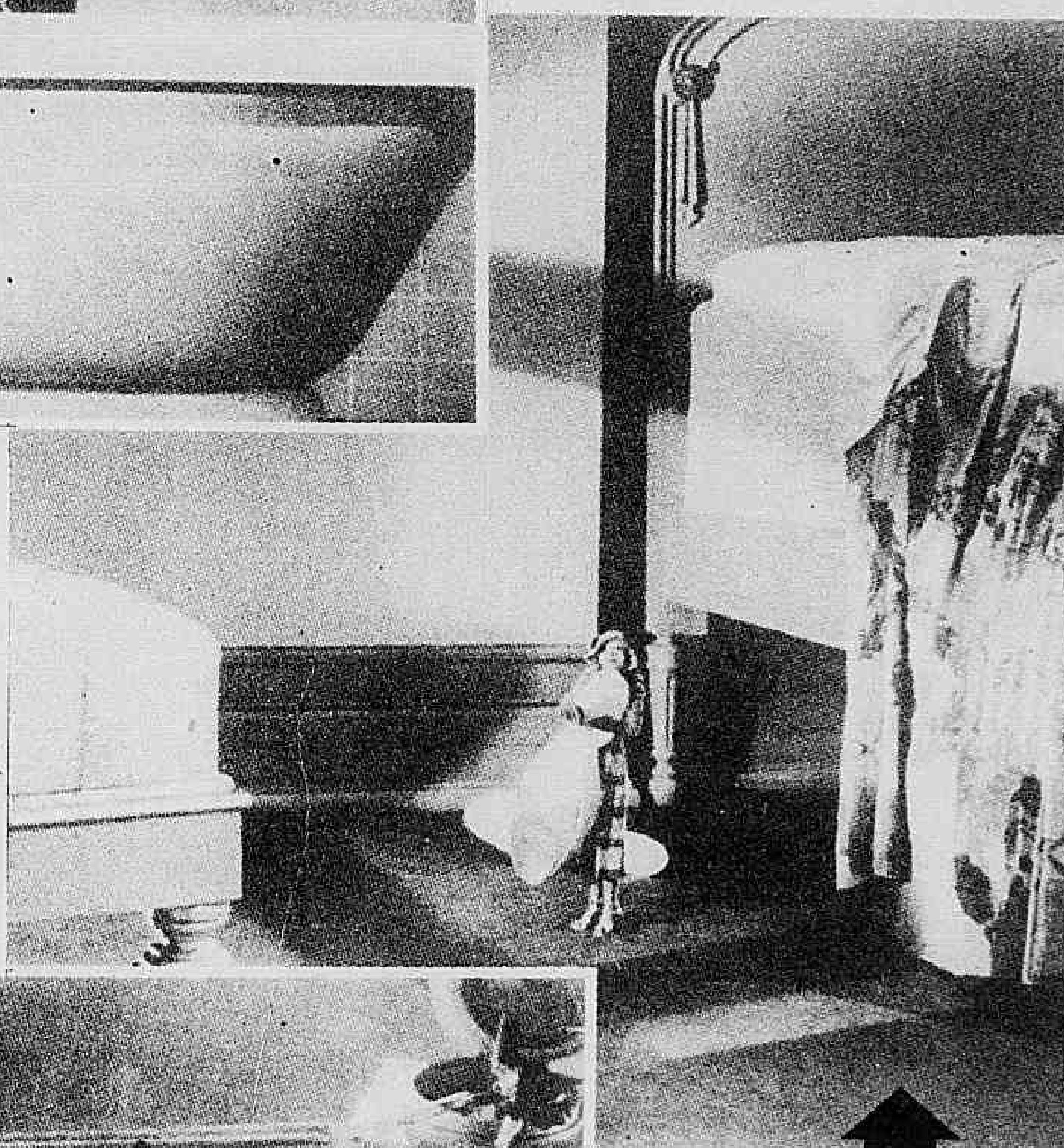
SEGRÊDOS DA TELA



Acessórios gigantes em um filme americano. Tôdas as ilusões são cabíveis no cinema.



Truque com o decor pela utilização de acessórios desproporcionais.



Um estudo cuidadoso da escala dos décores e dos acessórios utilizados, permitiu esta imagem de sonho em um filme americano.



Decor gigante, utilizado no filme «Knock».

PELO DEDO CONHECE-SE O GIGANTE

O cinema manipula com uma das maravilhas da física que é a lente. Esta tem a faculdade de inverter, diminuir ou deformar as imagens, segundo as características determinadas pela ótica.

A câmara cinematográfica adeqüadamente colocada pode transformar um homem de proporções normais em gigante ou anão. Isto sem maiores recursos que a angulação e na maioria dos filmes em que pessoas normais aparecem transformadas em sêres anormais, isto é obtido através de décores desproporcionais que, em relação à figura humana, dão-nos a impressão de estarmos assistindo a atuação de anões. Êste é o caso das ilustrações desta página, extraídas de «Les Truquages au Cinema». Por sua vez, as cenas são relativas ao filme «Knock».

ELENCO:

Angélica Hauff .. Angélica
Guido Lazzarini .. Anésio
Luigi Picchi ...... Zé Pião

e ainda

Áurea Cardoso, José Carlos Burle, Jane Batista, Célia Helena.

FICHA TÉCNICA

Diretor, José Carlos Burle — Fotografia, Giulio de Luca — Música, Cláudio Santoro — Argumento: Antônio José, J. Carlos Burle e Marcos Marguliés. — Produtora: Multifilmes.

A NOVELA DAS IMAGENS



CINEMA BRASILEIRO



Angélica conhecera no Rio de Janeiro, cidade onde morava e cuja sociedade freqüentava, um senhor de seus quarenta e cinco anos com quem casou-se. Êle era proprietário de fazendas de café no interior do Estado de São Paulo e para lá se transferiu com sua espôsa. Desde os primeiros dias de vida matrimonial, Angélica notara no marido, Anésio, um manto de insatisfação e mistério que eram para ela um verdadeiro enigma. Um quarto fechado à chave na casa da fazenda e uma mata na qual era vedada à entrada de qualquer pessoa, por determinação de Anésio, traziam Angélica em permanente apreensão. Os caboclos, trabalhadores rurais, apesar de saberem do mistério nada revelavam à espôsa do proprietário. Ela era a única que desconhecia aquêle "algo" que devia fatalmente ter acontecido ou que estava acontecendo com seu espôso. Com certeza o quarto eternamente fechado, o bosque misterioso no qual era continuamente impedida de entrar, deviam esconder as razões do estranho comportamento de Anésio. As suas idas freqüentes à cidade levaram-na a suspeitar da existência de outra mulher na vida de seu marido. Decidida a acabar com todos aquêles mistérios, Angélica decide então se lançar a cavalo, em direção à mata, para penetrar nela. Mas Zé Pião, o capataz da fazenda, a segue de longe. Amedrontada, ela imprime à sua corrida um vertiginoso ritmo que a leva a cair do cavalo em meio à farta vegetação. E' Zé Pião que a socorre e assim, mais uma vez ela tem que desistir de seu empreendimento. Mais tarde, já em casa ela tenta esquecer de suas apreensões diárias. Seu espôso está bem humorado, amável. Êle esboça o intróito a uma explicação de todo aquêle mistério quando chega Zé Pião com um telegrama. Anésio é obrigado a voltar à cidade. No dia seguinte numa festa dos empregados da fazenda, Angélica participa dela quando recebe a notícia que uma onda de frio aproxima-se ameaçando destruir os cafèzais. Os caboclos dirigem-se a Angélica solicitando que ela tome providências pois a demora de Anésio poderia levá-los à falência. Angélica revoltada, devido as suspeitas, cada vez maiores, da existência de outra mulher na vida de seu marido, tendo encontrado inclusive cartas comprometedoras no quarto permanentemente trancado. Recusa-se a cooperar, Zé Pião insiste e afirma que tôdas as suspeitas de Angélica não são mais que ciúmes de u'a mulher que não mais existe; ciúmes da primeira noiva de Anésio, sua irmã Rosina, que falecera na véspera das bodas. Animada por nova fôrça e desvendado o enigma que abalava integralmente a sua vida conjugal, Angélica ordena que se incendeie a mata, única possibilidade de salvar-se os cafèzis da onde de frio que se aproxima. E, sôbre as cinzas do incêndio já se projeta a plantação de novos cafèzais. E, também, surgiu a recuperação interior pois Anésio liberta-se dos vínculos do passado e a espôsa do seu complexo de ciúme. O choque dos acontecimentos forçou a elucidação dos espíritos que lançaram tôda a verdade de um para outro.



Angélica se deixara dominar pelo complexo do ciúme, em tôrno do passado do marido.



Estados Unidos: «Minha espada, minha lei».

80 Pré-

pado de linhas paralelas e símbolos dalineados são usados para suprir a falta de imaginação do seu autor. A música de Tito Ribeiro pautada na "Traviata" só não é um despropósito porque a adaptação e o nome da heroína fazem-se lembrados durante o mau desenvolvimento desta película falsa e medíocre.

(CONTINUAÇÃO DAS PÁGINAS 8 e 9)

ARGENTINA NAS JORNADAS

2 – "DIAS DE ÓDIO"

O argumento tem base policial. Entretanto, pelas próprias lições que os delitos revelam — um crime perfeito e uma punição de fôrças do destino — algo poderia ter resultado de melhor. Os defeitos são particularmente intuitivos do roteiro. As personagens não foram suficientemente caracterizados e muito menos humanizados. Prevalece um esquematismo de simplificação. Por outro lado a ação se perde em ocorrências de menor importância, sem o "crescendo" que constitui um dos grandes segredos das películas do gênero. A trama, que partiu de um romance escrito por Jorge Luís Borges sofreu, assim, com a planificação se esvaindo os ângulos mais aproveitáveis. A direção de Leopoldo Tôrre é desequilibrada. Revela gôsto pelo ângulo de composição mas não sabe manter uma unidade funcional, de acôrdo com o assunto. No campo psicológico também, em lugar de suprir as deficiências do roteiro, já esplanadas, seguiu o artificialismo geral. Há momentos, entretanto, em que se redime — a do cemitério ou a do pôrto — mas não de sorte a impor qualidade. É apreciável o desempenho de Christian Galvé, na protagonista central, seguida de perto por Nicolas Fregues, no pai. No elenco, cumprindo louváveis atuações, aparecem Diullio Marcio, Virginia Romay e Rauk de Valle. Acabamento técnico de apuro, característico do cinema argentino, com boa iluminação de Henrique Walfisch.

ARGENTINA NAS JORNADAS

2 – "UMA MULHER CHAMADA MARGARIDA"

Filme argentino dirigido por Ernesto Arancibia, é uma nova versão à tela de "A Dama das Camélias". O teatro lírico e o dramático assim como o cinema não se furtam ao tema que não deixa de ser fundamentalmente uma crítica aos hábitos e preconceitos de uma época. Atualizado, perdeu muito de seu realismo, Margarida, em lugar de tísica, passou a ser uma neurastênica que necessitava, uma vez por outra, dos cuidados de uma clínica de moléstia nervosas. Apesar do modernismo, a ação continuou na França. Aproveitou-se a oportunidade para entrar em contato com o "bas-fond". Seguem-se, então, uma série de cenas que, ao senhor Arancibia, pareceram sugerir Paris e onde fracos "gags" procuram dar idéia do espírito parisiense! Lastimàvelmente, estas tentativas foram inteiramente frustradas. O cinema argentino, preocupado em se lançar aos grandes temas, torna-se impessoal e nada consegue de convincente.

A interpretação à cargo de Zully Moreno, Carlos Thompson (de magnífica estampa e bom ator), Santiago Gomez Cou, Nicolas Fregues e outros é eficiente não sendo suscetível de maiores críticas. Não lhes cabe a culpa por certos trechos declamados. A fotografia de Antônio Merayo é adequada, limpa e bem contrastada, sugerindo-nos bem. Aos decôres de Gori Muñoz fazemos restrições principalmente nas seqüências do sonho em que o surrealismo prototi-

ESTADOS UNIDOS NAS JORNADAS

2 ½ – "AVENTUREIRO DO MISSISSIPI

Sem conter nada de novo, nada de extraordinário como cinema, sendo apenas um passatempo, "Mississipi Gambler" é porém uma fita que tem razoável interêsse. É narrada em correta linguagem de cinema pelo diretor Rudolph Maté. O mesmo de "Segunda chance". Essa linguagem nada acrescentou estèticamente mas, pelo menos, é o que se exige em qualquer filme. O argumento de Seton Miller, é, de certa forma, novelesco e comercial. Apresenta uma vasta série de acontecimentos de ação mas a longa a parte amorosa da trama: Piper Laurie ama Tyrone mas, orgulhosa e rebelde finge desprezá-lo. O filme tem suas pequenas demagogias (o jogador Power é incorruptível, boníssimo e justo; há amôres desencontrados, desafios para duelos, etc.), mas conserva à atenção do espectador, conseguindo ser regular. O cenário é a New Orleans de 1854, com os célebres navios que fazem a navegação fluvial. Pretextos para mostrar os homens com suas vestimentas típicas de "gentleman"; as grandes cartolas; as mulheres e seus complicados vestidos e os ainda célebres criados de côr. Mas êsse pano de fundo não se sobressai muito, já que a trama domina sôbre êle. Além da direção de Maté destacamos os atores John Mac Intire, Paul Cavanaugh e a atriz Júlia Adams. Título original: "Mississipi Gambler". Universal.

ESTADOS UNIDOS NAS JORNADAS

2 ½ – "MINHA ESPADA, MINHA LEI"

Filme de aventuras, de nível comercial, uma das muitas películas produzidas pelos norte-americanos na Inglaterra. É extraído de uma novela de Robert Louis Stevenson. Pode-se ver não um todo mas os diversos capítulos. Inicia-se na Irlanda, com uma rebelião contra o trono da Inglaterra. Passa-se para um navio de piratas, dêste para outro, daí para o pôrto de Tortuga, ponto de reunião da espécie. Volta, de novo, para a Irlanda, para que Errol Flynn leve a cabo a vingança que tem em mente. Aliás Flynn nunca foi tão "mocinho": leva tiros; cai ao mar; não morre; leva facada, e tão pouco morre. Por falta de ação é que o filme não peca. Pelo contrário, é dos mais movimentados. E há até uma certa procura de ângulos e alternância de planos, indicando alguma consciência cinematográfica no cenarista e no diretor William Keighley (O Príncipe e o mendigo" e "Rua sem nome"). O elenco secundário apresenta os conhecidos Felix Aylmer, Anthony Steel (de "No reino dos monstros") e Beatrice Campbell. O colorido não impressiona. Conjunto regular. Título original: "Master of Ballantrae", Warners.

FRANÇA NAS JORNADAS

3 – "O CURANDEIRO"

"Le Guerrisseur" é o título original desta película francesa apresentada em uma das sessões oficiais das "Jornadas" do Festival. O curandeiro do título é Jean Marais, médico que não se convence dos métodos da ciência. Trata os seus doentes por processos julgados ilícitos: suas mãos é que curavam, com apenas um toque. Faz, inclusive, reviver uma mulher dada como morta, devido à uma síncope. Trata de um tuberculoso que, como todos os demais clientes, depositava uma confiança cega em seu médico. E surge o romance, com a afilhada da mulher que êle curara. Trava-se o conflito entre o curandeiro e outro médico, seu ex-colega de Fa-

estréias do Festival

culdade. O caso do rapaz tuberculoso, o romance do curandeiro com a jovem, e o conflito médico são os três pontos de desenvolvimento da história, que tem sua unidade como narrativa. Mas o que "Le guerrisseur" dá a impressão é de que não se define, não se declara partidário nem do "curandeirismo", nem da Medicina. Até certo ponto parece ser uma negação da Medicina. Continua acentuando essa negação e passa a ser um relato cínico da mistificação. Depois, vem a afirmar a validade dessa ciência, quando um caso fatal vem a causar a morte da jovem noiva do curandeiro, o qual julgava-a curada pela ação miraculosa de suas mãos.

Cinematogràficamente não é muito interessante esta realização de Yves Ciampi, cenarizada pelo diretor e Jacques Le Bost. O argumento é interessante, quase original, não fôsse pela indecisão de sua tese, que, afinal, é valorizado por uma forma mais cinematográfica.

ESTADOS UNIDOS NAS JORNADAS

2 ½ — "MARCHA TRIUNFAL"

Foi a última história escrita para o cinema, pelo produtor Lamar Trotti, que faleceu o ano passado. Dirige-a Henry Koster, agora em fase favorável depois de "Páginas da vida" em que dirigiu o episódio de Charles Laughton. A fita retrata John Philip Sousa, compositor de várias marchas conhecidas e regente de uma banda famosa de há anos. O cenário de Trotti é vivo, responsável pelo relativo interêsse da história. Há bons trechos conforme o do teatro, com a apresentação daqueles "quadros vivos", a demonstração de canto e dança feita por Debra Paget; a chegada da banda à cidade sulista, além de dois números musicais encenados e dançados. O diretor confirma suas qualidades demonstradas em Páginas da vida. As músicas marciais estão bem executadas e orquestradas o colorido é excelente. Clifton Webb, ótimo, vive Philip Sousa. O elenco apresenta Ruth Hussey, na espôsa e Debra Paget, bem apreciável.



França: «O amor de uma mulher».

França: «O Curandeiro».



OS ESTADOS UNIDOS NAS JORNADAS

2 — "O INFERNO N.º 17"

Até parece uma brincadeira de Billy Wilder. Ùltimamente êste diretor se vinha notabilizando com suas películas: "Crepúsculo dos deuses" e "A montanha dos sete abutres" etc. E' difícil imaginar como surgiu esta "coisa", êste absurdo "Inferno n.º 17" que é uma farsa. Nunca os alemães dêsse campo de prisioneiros chamado o inferno foram tão extremamente pacientes e bondosos; os soldados nunca tão brincalhões e divertidos; dramáticos quando se juntam em blocos para vingar companheiros mortos; armado de rifle (?), têm as mais magníficas liberdades, espiam por um telescópio improvisado as barracas de prisioneiras russas. De entremeio temos a parte de fita policial da história: a busca da identidade de um espião. Há mesmo um truque para se pensar que o dito traidor é um dos soldados, além do já suspeitado. A realização é pobre, vivendo de alguns trechos isolados, para divertimento ou da argúcia dos que se interessam em pré-julgar o suspeito da história. E é só. Os intérpretes são William Holden, Don Taylor e o diretor de cinema Otto Preminger, no oficial alemão. (Stalag 17).

ESTADOS UNIDOS NAS JORNADAS

1 ½ — "A ÚLTIMA CHANCE"

Fraca esta produção da RKO, em terceira dimensão. Mas não para nós, pois a cópia exibida foi em "2-D" mesmo. Em alguns trechos fica-se pensando o quanto desinteressante seria a fita em 3-D, pois o que não faltam são momentos da mais absoluta monotonia, onde a história não anda um milímetro, sem nada para causar emoção tridimensional ou plana. Em outros, quando Jack Palance mata um homem (com o revólver apertando para a platéia); quando um bonde aéreo despenca de grande altura, calculam-se os intentos para o "3-D", embora o nível seja positivamente abaixo da linha média. O argumento é um fio e a película pode ser contada em quinze minutos, mas o cenarista Sidney Boehem e seu sócio tapam buracos durante meia hora: passeios e colóquios entre Robert Mitchum e Linda Darnell; uma festa de Mardi Gras, etc. não explicam devidamente os antecedentes da história. E o bom diretor Rudolph Maté nada pôde fazer. E' um filme morto, com "suspense" na parte final mas relativo, pois como a cópia exibida foi a comum deixou de apresentar tôda a emoção. Título de origem: "Second Chance", RKO.

(Continua no próximo número)



OPINIÃO DE **JONALD** SÔBRE A "3-D"

Claro que não abordarei o aspecto técnico da «3-D». Tão sòmente as resultantes práticas. Há meses, havia assistido à exibição prévia, na cabine da Warners. Entretanto, dada a pequena dimensão da mesma, aguardei uma outra projeção, em grande cinema. Esta outra oportunidade ofereceu-se no Festival, em S. Paulo, no Palácio do Cinema, com «Hondo». Chegamos, então, a uma conclusão exata. Sem dúvida alguma a «3-D», embora não seja muito comercial para os estúdios, é o processo que prodigaliza maiores emoções. Não me refiro a estas cenas preparadas, de puro efeito momentâneo: cadeiras atiradas para a platéia; revólveres a queima roupa; flechadas, socos, incêndios, etc. Isto, constitui um capítulo à parte, uma espécie de pirotécnica. Em aspectos totalmente opostos, por exemplo, constitui uma autêntica emoção, nas seqüências exteriores (em «Hondo», por exemplo) a exata visualização da perspectiva da natureza. Esta vantagem em se apreciar o belo, em sua forma natural, ou através de várias outras partes, nas suas múltiplas derivações, constitui um imenso prazer, uma nova e admirável emoção. Por outro lado, embora a idéia (e não a execução) seja antiga, o contato com a «3-D» não deixa, por outros ângulos, de ser algo de extraordinário. O «Cinemascope», conforme será analisado dentro de alguns números, força um acentuado amplexo com a marcação teatral, a fim de impor as próprias características cênicas. Sob êste ponto de vista, a superioridade do «3-D» (o ideal, seria uma conjunção dos dois processos, o «3-D» visto no «Cinemascope»!) é insofismável. As imagens não ficam prêsas ao limite de um palco. Geralmente, pairam acima da cabeça dos espectadores, em autêntico relêvo, fazendo com que sejam mais perceptíveis as suas reações íntimas. Não lembra o teatro nem tampouco o cinema, porque significa uma flutuação no espaço. Entretanto, tem os seus inconvenientes. Por exemplo (isto foi cuidadosamente observado) a fim de que as sensações sejam as mais impressionantes, necessário se torna que o espectador ocupe cêrca da metade do salão. Tanto muito atrás quanto demasiadamente perto, os resultados não são brilhantes. Ora, como é relativamente muito menor o número de bons lugares, resulta que nem todos poderão sentir a «3-D» no seu mais posotivo e admirável efeito. Muitos queixam-se do uso dos óculos. Naturalmente, aquêles que jamais fizeram uso dos mesmos poderão ter as suas queixas mas . . . injustificáveis. Quem tiver a paciência de estudar o assunto, a fim de emitir opinião, chegará a idêntico resultado. Afinal, compensa perfeitamente um temporário uso do mesmo se ficamos em contato com uma fôrça diferente. Enfim, é possível que as razões financeiras dos homens de Hollywood venham até mesmo a eliminar a «3-D», em favor de outros processos. Entretanto, julgo que o caminho tri-dimensional, com os inevitáveis aperfeiçoamentos que o futuro sempre permite será o cinema do futuro. Isolado ou em conjunção com outros inventos, o fato é que a terceira dimensão é uma potencial para o agrado, para a busca de novos horizontes, para a fuga da rotina. Com todos os seus bons predicados e, mesmo com o uso dos óculos, a «3-D» supera o «Cinemascope» porque foge das limitações de um palco e proporciona visões de imagens muito mais aproximadas com a realidade.

PRÉ-ESTRÉIAS DO RIO

2 1/2 — "MUSEU DE CÊRA"

Dos filmes a que assistimos foi o que mais «efeitos visuais» retirou do «3-D». Desde a apresentação, com aquela admirável chuva e, logo após, a impressionante destruição das figuras de cêra, tudo é um convite para diferentes rumos. Contudo é preciso abstrair a satisfação visual para ir em busca dos merecimentos artísticos. Então, as coisas mudam de

Orientação de JONALD, L. BOLTSHALSER e H. ANDERSEN ★ Em S. Paulo: C. MAXIMIANO

Cotações de A CENA (de 1 a 5 pontos): 5 — excepcional; 4 e 4 ½ — ótimo e admirável; 3 e 3 ½ — bom e muito bom; 2 e 2 ½ — sofrível e regular; 1 e 1 ½ — fraco; ½ — detestável; e 0 — inqualificável.

aspecto. Esquecendo de que tudo é em «3-D», a película não convence. A história é por demais rocambolesca. Havia sido filmada há 20 anos mas o espírito das gerações evolui com a passagem dos anos. Não há dúvida de que, ainda assim, não deixa de ter o seu interêsse. Há mesmo, emoção em várias passagens. Contudo, em apreciação conjunta, as circunstâncias forçadas e inverossímeis estão em maior número. Não há, também, da parte do diretor André De Toth a imposição de uma atmosfera de preparo. Os motivos despontam muito fácil e novelescamente. Apesar das justas restrições, fica, sempre, uma regular curiosidade. O «climax» (bem realizado) e o esfôrço dos intérpretes vêm em socorro dos senões apontados. Vincent Price aproveita bem a oportunidade e é o melhor. Frank Lovejoy, Phyllis Kirk, Carolyn Jones (Cathy), Paul Picerni, Roy Roberts e outros completam o elenco. «Technicolor» bem aproveitado. Título original: «House of Wax», Warners. Em exibição no Odeon.

LANÇAMENTOS NO RIO

SEMANA INICIADA EM 8 DE MARÇO

2 ½ — "DO OUTRO LADO DA RUA"

É bem verdade que a história de um mal-entendido, servindo de tema a uma comédia, já está bem repisada. Mas êste, de «Do outro lado da rua», apesar de forçado, dá margem a divertidos «qui pro quós» que nos arrancam boas gargalhadas. Nada de novo, mas tudo bem exposto, tratado com vivacidade pelo diretor Joseph Pevney. Alguns recursos cômicos aqui apresentados, como o do maçarico para acender charutos, já atingiram a maioridade. Lembramo-nos de Harpo Marx fazendo algo semelhante em «O diabo a quatro», uma comédia que data de 1933. Mas «Do outro lado da rua» é uma produção despretensiosa, apesar da falta de originalidade, consegue divertir. Joseph Pevney, que vem dirigindo todos os gêneros, soube conduzir o espetáculo. Todo o elenco atua com muita justeza. Ann Sheridan, uma figura que se faz rara, sempre uma boa atriz. Cecil Kellaway valoriza seu pequeno papel, com uma composição sutil. Robert Keith, no banqueiro ciumento está ótimo, assim como o excelente Alan Nowbray. John Lund, correto. Título original: «Just across the street», produção Universal Internacional exibida na linha do Odeon.

4 — "NÁPOLES MILIONÁRIA"

Película do grande ator Eduardo de Filipo, inspirada numa peça teatral. Precedida de grandes elogios e prêmios no Festival de Veneza, não decepciona e ficará, por certo, entre os melhores cartazes de 1954 no Rio de Janeiro. Conta-nos a história de Nápoles, através de um dos seus mais conhecidos aspectos urbanos — o beco. O autor escolhe, ao acaso, um beco, entre tantos outros que aparecem na velha Nápoles. Sujo, miserável, onde a imagem fidelíssima à realidade, dá-nos quase a sensação do odor, do mau odor. Ali vivem centenas de almas, que esperam um mundo melhor . . . Numa apresentação dos personagens e de suas vidas, o realizador dá-nos mostra do ritmo vivaz que jamais cairá, e o desenvolvimento, a exposição cinematográfica da narrativa, hábil e original, tomará a atenção completa do espectador.

Maravilhosas passagens, cheias de calor bem humano, serão seguidas de outras de comicidade irresistível, que se harmonizam em grande unidade. É uma espécie de diário, esquematizado, do beco e de seus habitantes que passam pela miséria de uma cruenta guerra. São dez anos de transformações. A guerra marca fundo tôdas aquelas vidas, e quase ninguém consegue manter a dignidade e vêm-se arrastados no torvelhinho de uma época de degradação, conseqüência da mais miséria e sofrimentos de um após-guerra.

A avidez de viver, de qualquer prazer, toma conta daqueles personagens. Uma das mais inteligentes etapas do filme é, sem dúvida, quando o nosso herói, conseguindo fugir do campo de concentração, volta à velha cidade, ao beco, à sua casa e encontra uma filha prostituída, uma espôsa desonesta e um filho ladrão, e os seus primeiros contatos com os vizinhos. Inteligente e sutil, a película conta com grandes atores. Totó tem uma das suas grandes oportunidades e Eduardo de Filipo comprova a sua imensa capacidade de ator. A fotografia é de Aldo Tonti, e a música é uma das melhores e verdadeiramente funcional. «Napoli Milionária», película distribuída pela Art Films, estreou no Rivoli.

1 ½ — "IRMÃ ALEGRIA"

É uma produção ao gôsto de um «Sinos de Santa Maria», apresenta uma Rosita Quintana um tanto deslocada, numa narrativa com toques de pieguismo. O espectador entra em contato com a vida de uma freira, e as imposições da Ordem religiosa a que pertence. É intuitivo o defeito que exacerba a fragilidade da história: um roteiro mal estruturado. Por sua vez, a direção de Tito Davison harmonizou-se à deficiência dêste preparo. Assim, resultou um desenrolar que, pretendendo ser simples, se tornou enfadonho. Não se destaca o elenco, onde aparecem Carmelita Gonzalez, Andrea Palma, Anita Blanch. Fotografia comum, de Jack Draper. Título original: «Soror Alegria», lançado no Pathé.

LANÇAMENTOS EM SÃO PAULO

SEMANA INICIADA EM 1 DE MARÇO

REPRISES

«ACORDES DO CORAÇÃO» — Considerada uma das três melhores películas de Jean Negulesco no cinema norte-americano. As outras foram «A máscara de Dimítrios» e «Os três desconhecidos». «Acordes do coração», embora apresentando um argumento discutível, a história de um violinista, sua infância, estudos carreira, amôres, com um conteúdo mais ou menos semelhante a tôda história de músicos, um pouco estereotipado, apresenta, por outro lado, uma cinematografia senão ótima, de boa classe, com momentos particularmente excelentes, que compensam a relatividade da história. Além disso há a valiosa colaboração do falecido John Garfield e a música de Franz Waxman, que aproveita bem a música clássica, a popular e a música de fundo. Título original: «Humoresque».

«O INSPETOR GERAL» — Uma das boas comédias de Danny Kaye. Versão consideràvelmente modificada da peça de Gogol, «O inspetor», apresenta a famosa cena em que o comediante, no papel de um cigano devora velozmente a comida, em um banquete. Em duas excelentes criações estão Walter Slezak e Elza Lanchester. Título original: «The inspector general».

SÍNTESE DAS EXIBIÇÕES

(Críticas nas próximas pré-estréias dos lançamentos do Rio)

2 ½ — «A VOLTA AO PARAÍSO» — Produção da United. Direção de Mark Robson, com Gary Cooper e Roberta Haynes. «Technicolor». (No Marrocos e Oásis).

«OS TURBULENTOS» — Título original: «The last posse». Direção de Alfred Werkker, com Broderick Crawford e John Dereck. (No Broadway).

«MARCHA TRIUNFAL» — Título original: «Marching Along». Direção de Henry Koster, com Clifton Webb e Debra Paget. «Technicolor». (Exibido nas Jornadas norte-americanas, por ocasião do Festival de Cinema). Cartaz do Marabá e circuito. Crítica neste mesmo número de A CENA, em «80 Pré-Estréias».

«HONRA SEM FRONTEIRAS» — Título original: «Powder River». Direção de Louis King, com Rory Calhoun e Corinne Calvet. «Technicolor». (No Ritz).

OUTRAS APRESENTAÇÕES

1 ½ — «CARNAVAL EM CAXIAS» — Produção Atlântida-R. Berardo, com José Lewgoy e Dóris Monteiro. Direção de Paulo Wanderley. (Cartaz no Art Palácio, Bandeirantes e circuito de 29 cinemas).

«BUSCA DESESPERADA» — Título original: «Desperate Search» Direção de Joseph H. Lewis, com Howard Keel e Jane Greer. (Cartaz do circuito complementar do Metro).

4 — «ÚLTIMA FELICIDADE» — Produção sueca com Arne Mattsson na direção e Ulla Jacobsson e Folke Sundquist nos principais papéis. Cartaz do Normandie. (Já criticado em A CENA).

«A MALAGUENHA» — Produção mexicana, com Crox Alvarado e Consuelo Frank. (Cartaz do Jussara).

PERMANÊNCIA EM CARTAZ

«OS FILHOS DE NINGUÉM» — (7ª semana).
«SENHORITA INOCÊNCIA» — (2ª semana).

O MAIS BELO CURTA-METRAGEM DO FESTIVAL

(Cont. da pág. 15)



«A Crina Branca», história de um cavalo indomável e dá afeição de um menino.

«NEIGHBOOR»
(Canadá)

Sátira à guerra, êste filme é realizado com técnica original empregando à câmara, em pequena rotação, o eficiente uso da montagem. Dois vizinhos vivem amistosamente até que nasce uma flor nos limites dos terrenos. Disputam, então, a posse da flor. Como não chegam à um entendimento, pelos meios racionais, lançam-se à briga corporal e daí à destruição dos lares e famílias terminando com a morte de ambos. Sôbre seus túmulos nascerão inúmeras flores semelhantes àquela que os levou à briga. Encerrado o filme desfilam um após outro, em vários idiomas, um singular letreiro: «Amai-vos uns aos outros». Inteiramente destituído de diálogos, a música pautando apenas com ritmo e ruídos indefinidos, conseguiu Norman Mc Laren em pleno apogeu do «falado», quando o som envereda pelo caminho da estereofonia fazer «funcionar» a técnica do filme silencioso com tôdas as suas características primárias e obtendo com isto todo o efeito desejado. Deve-se salientar além da mensagem pacifista a idéia originalmente poética sôbre a qual foi baseado o filme.

«POESIA DA DANÇA»
(Itália)

Provàvelmente influenciados pelas modernas escolas de dança norte-americana, em que a expressão assume novos valores, dissociando-se dos cânones tradicionais da dança clássica, o casal Clotilde e Alexander Sahkaroff criam coreografias dentro do espírito do expressionismo. Filme eminentemente plástico, dirigido por Michele Gandin, valorizado pela fotografia em Gevacolor êste filme é recomendado para os amantes do «ballet» em suas mais modernas formas.

«OPERATION HURRICANE»
(Inglaterra)

A bomba atômica aos poucos vem ingressando e figurando nas cinematografias de cada povo. A princípio, quando ainda era um segrêdo que se devia ocultar, para que a alguns poucos fôsse reservado o direito de matar, ela era tratada apenas como elemento misterioso. O conhecimento cabia a uns poucos sábios, cuidadosamente escondidos por meia dúzia de policiais. A bomba atômica, algum tempo depois, caiu, por assim dizer, no domínio público; qualquer colegial dava explicações muito convincentes sôbre seu funcionamento e sôbre seu poder destrutivo. Vieram, então, filmes mais audaciosos que exibiam os preparativos e a própria explosão atômica. «Operation Hurricane» é uma película desta última fase «atômica» do cinema, dirigida por Ronald Stark. Não corresponde à dramaticidade do tema. muito embora valorizado pela fotografia em côres.

«WARNUNG IN DUNKEIM»
(Áustria)

Sôbre a maneira de orientação dos cegos. Desprovido de maior valor cinematográfico; mas justa seria sua inclusão no Festival de Cinema Científico onde foi apresentado um filme neste sentido, de outra procedência: «A Longa Bengala».

«THE TELL TALE HEART»
(EE. UU.)

Desde há muito o desenho animado deixou de ser filme exclusivamente para crianças. Vestia-se desta máscara a fim de passar impunemente pelas censuras diversas, que via de regra agem errôneamente não submetendo a uma análise mais severa alguns filmes cuja agressividade e moralidade não o recomendam para seu maior público. Nunca é demasiado lembrar as palavras de Sonika Bo especialista no assunto e que assiná-la «o triste caráter» da maioria das películas ditas infantis. «The Tell Tale Heart» é um desenho animado, talvez o primeiro feito no mundo destinado a adultos. Inspirado no conto de Edgar Allan Poe, narrado jor James Mason, emprega uma técnica totalmente diversa da tradicional, deixando-se penetrar pela pintura moderna e dela extraindo magníficos efeitos plásticos. Faz-se notar a montagem revolucionária e o emprêgo equilibrado das côres. A narração de James Mason é um dos pontos altos desta película da UPA (a mesma que fêz os desenhos de «Leito Nupcial») e a música descritiva que completam e se harmonizam nesta boa produção.

«I FIORI»
(Itália)

Filme em «Ferraniacolor» sôbre o desenvolvimento das flores na primavera. Imagens belas e sugestivas, acompanhadas de uma música adequada. Um trabalho cinematográfico de paciência e de grande sentido técnico.

«QUICK, O ESQUILO»
(Alemanha)

Humanização dos esquilos. Ágil documentário sôbre a vida dêstes roedores e seus hábitos.

«UNICORN IN THE GARDEN»
(EE. UU.)

Desenho realizado pela United Production of America que já nos dera uns poucos desenhos da série Mr. Magoo, e as cenas complementares de «Leito Nupcial», de Stanley Krammer. São desconcertantes e curiosos êsses desenhos, totalmente diversos dos comuns, pela forma, conteúdo, de uma comicidade satírica. Êste desenho é esplêndido.

«FESTIVAL DO CINEMA CIENTÍFICO»

(NOTAS DE SANIN)

Paralelamente às exibições dos cinemas Marrocos e Arlequim, foram realizadas, no Museu de Arte Moderna, mostras de cinema científico. Presidiu às apresentações o prof. Jean Painleve, presidente da Associação Internacional de Cinema Científico, entidade organizadora de Festivais dêste gênero. Esta entidade pública possui dois periódicos especializados: «Science and Film» e «Research Film» que atendem à finalidades diferentes segundo 4 classificações em que são incluídos os filmes científicos: Filme de Pesquisa, Filme Médico Cirúrgico, Filme Técnico Industrial e Filme de Educação e Informação. A afluência do público fêz-se notada, cada vez maior, tendo alguns filmes surpreendido pelo elevado padrão de técnica assim como o alto valor cultural. O cinema científico tem prestado, atualmente, grandes auxílios aos diversos ramos da biologia e da física, fixando, por exemplo, operações cirúrgicas raras, facultando aos estudiosos possibilidades de travarem contato visual com que antes era apenas conhecido em teoria.

Vários dos filmes apresentados nas diversas categorias já receberam prêmios internacionais, despertando, portanto, justificado interêsse não só por parte dos especialistas como também pelos cineastas das diversas delegações que freqüentemente eram vistos entre os espectadores.

O Brasil fêz-se representar por filmes do INCE, dirigido por Pedro Gouvêa Filho, e da sessão especializada da Universidade de São Paulo que tem como orientador o prof. Benedito J. Soares, responsável por magníficas fitas que também despertaram entusiásticos aplausos da assistência.

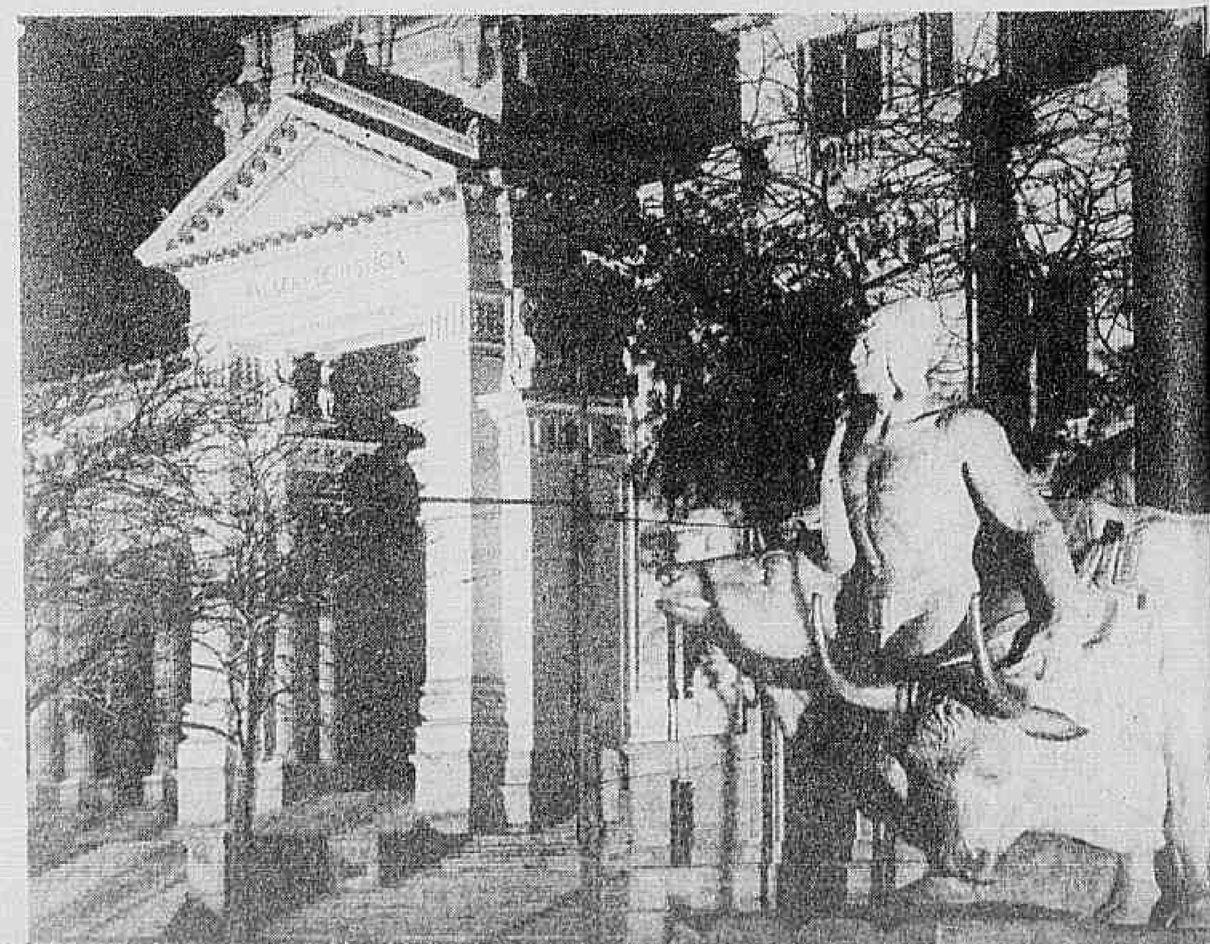
Dos filmes apresentados, podemos destacar, como mais representativos, os da Alemanha, França, Brasil e Holanda sendo que os americanos muito têm-se destacado neste setor cinematográfico, não foram felizes em sua seleção.

Das películas brasileiras apresentadas impressionaram «Cristal Oscilador» e as realizadas por Benedito J. Duarte sôbre a «metodização Cirúrgica», «Pneumonectomia por Câncer Broncogênico» e «Técnica Gastretomia», uma delas detentora do prêmio «Marey». Tôdas estas últimas películas foram incluídas na categoria «Médico Cirúrgicas».

Da França, foram apresentados os magníficos documentários de Jean Painleve sôbre o «Ouriço do Mar», «O Hipocampo», «Bernardo, o Eremita», que apresentam fundos musicais originalíssimos para filmes dêste gênero tais como «hot-jazz» norte-americano. «O parto sem Dor», de divulgação, despertou muito interêsse assim como «Glóbulos Vermelhos do Sangue», que emprega a microcinematografia.

Destacaram-se, ainda, filmes da Alemanha sôbre as diferenças de comportamento entre gêmeos mono e bi vitelinos e sôbre a metamorfose da môsca, da Inglaterra sôbre a fisiologia do gafanhoto e da Tcheco-Eslováquia sôbre «A planta e a água».

«Lima», documentário peruano produzido por Franklin Urteaga, dirigido por Santiago Entaño.



PÁGINA DO Leitor

ESTRÊLAS CADENTES

Chamamos cadentes às "estrêlas" que aparecem sùbitamente no firmamento, após brilharem com intensidade, desaparecem com a mesma rapidez com que aparecem. Tal aconteceu com a atriz Louise Rainer, há alguns anos passados, nos céus de Hollywood.

Dotada de um rosto fàcilmente maleável, a extraordinária Miss Rainer conquistou os fãs com o seu magnífico desempenho em "Zigfield, o criador de Estrêlas", trabalho que lhe valeu o Oscar da Academia no ano de 1936. No ano seguinte repetiu o feito do anterior, vivendo, com rara felicidade, o papel de uma nativa em "A terra dos deuses", com o grande Paul Muni. Quem assistiu a êsse filme jamais se esquecerá de Louise Rainer. No entanto pouco depois, após alguns filmes sem maior importância (Flirt, Os castiçais do imperador, Refens e A grande valsa), a genial atriz desapareceu sem deixar vestígios. O mesmo aconteceu, embora mais recentemente, com a meiga Laraine Day, "estrêla" de "Pelo vale das sombras", o sempre lembrado filme de Cecil B. de Mille.

Embora não fôsse tão talentosa e gozasse de menos prestígio do que Louise Rainer, Laraine se revelou para os fãs pela sua simpatia, tendo ingressado no cinema nos filmes da série do "Dr. Kildare", com Lew Ayres. Em seguida apareceu na comédia "Deliciosamente tua", com Cary Grant, "Aventureiro da Sorte", com Robert Young, "Éramos três mulheres", "Angústia", com Robert Mitchum e Brian Aherne e "Duas paixões em luta", que foi seu último filme, com Franchot Tone e Dane Clark.

Entre seus trabalhos destacamos o seu desempenho em "Éramos três mulheres", na Metro com Lana Turner e a falecida Susan Peters. Em seguida desapareceu; mas recentemente foi vinculada a notícia de que Laraine Day participaria da super-produção em Cinemascope da Warner; "The high and the Mighty", com John Wayne, Claire Trevor e Jan Sterling.

Esperamos que desta vez a sorte ajude um pouco a nossa Laraine, pois não é justo que nós sejamos privados da presença da agradável "estrêla", enquanto em Hollywood proliferam os falsos valores.

Caio Sérgio Hamilton (Santos)

LENDO E ANOTANDO

Quem freqüenta cinemas, aquêles que se tornam fãs, vivem sempre procurando nas revistas e jornais tudo aquilo que tenha relação com a Sétima Arte. Os "astros" despertam, em regra geral, maior interêsse porque êles estão mais em contacto com o público através de seus filmes. Sendo assim, nós apreciadores do "écran" vivemos constantemente catalogando, anotando coisas curiosas e interessantes da vida do cinema. Assim é que muitas vêzes encontramos em nossos arquivos apontamentos úteis e que têm seu valor para os afeiçoados da tela. Acreditamos portanto que estas notas que seguem deverão causar algum interêsse por parte de nossos leitores.

Inicialmente daremos aqui os nomes de alguns filmes de grande cartaz na época de seus lançamentos e as respectivas rendas nos Estados Unidos e Domínio do Canadá:

"... E o Vento Levou" 1939), rendeu US$ 26.000.000; "Sansão e Dalila" (1950), US$ 11.000.000; "Os Melhores Anos de Nossa Vida" (1947), US$ 10.400.000; "Os Sinos de Santa Maria" (1946), US$ .... 8.000.000; "O Bom Pastor" (1944), US$ 6.500.000; "Por Quem os Sinos Dobram" (1943), US$ 6.300.000; "Rosa da Esperança" (1942), US$ 5.000.000; "O Fio da Navalha" (1947), US$ 5.000.000; "Canção de Bernadette" (1943), US$ 5.000.000; "O Vale da Decisão" (1945), US$ 4.500.000, e "Farrapo Humano" (1946), 4.400.000 dólares.

REMINISCÊNCIAS

Os fãs da velha-guarda ainda devem estar lembrados de Laura La Plante, que foi a primeira "Magnólia" do cinema. Foi um filme da Universal lá por volta de 1929. Em 1936 ainda da Universal, surgiu uma nova versão de "Show Boat" e "Magnólia" desta vez foi vivida por Irene Dunne... Os anos passaram e a Metro resolveu fazer também o seu filme e o fêz, anos atrás com Kathryn Grayson no notável papel-título. Esta última versão de "Magnólia", já estava bem modernizada e ainda com um bonito tecnicolor para melhor impressionar!

★ Ainda hoje muitas fãs lamentam e saudosas relembram o maior ídolo da tela que foi Rodolfo Valentino. Pois sendo assim é interessante saber que Valentino deixou um guarda-roupa que atualmente vale milhões e ainda mais: em seus armários foram encontrados nada menos que mil pares de chinelos, quatrocentos ternos, trezentas gravatas, cinqüenta pares de sapatos e sete relógios de ouro!...

★ Quem não conhece êsse rapaz herculeo, simpático e que se chama Bruce Bennet, hoje um grande cartaz a custa de seu esfôrço e de seu talento? O que muitos não sabem entretanto, é que êle já foi o antigo Tarzan do cinema e que apareceu num artigo seriado cujo nome era, "As Novas Aventuras de Tarzan". E naquela época êle não se chamava Bruce Bennet e sim Herman Brix o herói da petizada...

★ Como é do conhecimento de todos, todo o ano a Academia de Hollywood distribui os seus prêmio de nome "Oscar". Essa Academia fundada em 1928, concedeu naquele ano os seguintes prêmios: filme, "Azas", atriz, Janet Gaynor, ator, Emil Janings, diretores, Francy Borzag e Louis Milistone....

★ Fiquem sabendo os leitores que entre 450 artistas famosos de Hollywood, 150 têm o mesmo sobrenome, apesar de não serem parentes. Vejamos alguns: Existem três Taylor: Elizabeth, Robert e Kent. Quatro Powell: William, Eleonor, Dick e Jane. Três Russell: Rosalind, Gail e Jane. Não são parentes e têm Young no nome: Loreta, Robert, Roland e Collier. Hutton tem três: Barbara, Bette "a incendiária" e Robert. Rogers: o falecido Willy, Ginger e ainda o vaqueiro Roy. Sabe-se da existência de 4 Forbes: Glen e Ross, John (diretor) e Wallace. Existem ainda muitos outros casos idênticos como os de Baxter, Leighth, Williams, etc., e que seria difícil apontar devido o espaço que nos é limitado.

★ Em 1900 Hollywood, o paraizo sonhado por muitos, tinha apenas 500 habitantes, dez anos depois atingiu 1.000 e em 1925 subiu para 150.000. No ano de 1911 havia apenas um estúdio mais, em 1925 já existiam 19 e funcionavam 250 companhias... Hoje o antigo bairro de Los Angeles no Estado da California, é agora cidade e a mais famosa do mundo, graças ao cinema!

Braga Fonseca (Caxambu)

"ROTEIRO DE GEORGE STEVENS"

"George Stevens é um dos mais importantes realizadores do cinema americano atualmente. Seu trabalho vem de longa data, desde que começou a funcionar nos estúdios como operador isso em 1921. Em 1930 o produtor Hal Roach deu-lhe a primeira oportunidade de dirigir. Mas em 1933, com "Cohen and Kelly in Trouble", é que começa verdadeiramente a carreira do realizador George Stevens, o jovem Stevens que havia nascido em Oakland, California, em 1905.

Stevens começa a dirigir seus filmes, um após outro, como "Bacheior Bait", "Kentucky Kernels", "Laddie", "The Hitwits", "Alice Adams", "Annie Okley", "Swing Time", "Aces and Elghtts", "Quality Street", "A Dansel in distress", "Vivacious Lady", "Gunga Din", "Vigil in the Night", "Serenata Prateada", "The Woman of the Year", "The Talk of the Town", "The More the Merrier", "The Impatient Years", "I Remember Mama", e outros. Foram filmes que demonstraram a grande fôrça de Stevens como narrador cinematográfico, filmes que se enquadram nos mais variados gêneros, desde a comédia sentimental de "Serenata Prateada" por exemplo, ao filme de aventuras em "Gunga Din". Foi no entanto em "I Remember Mama", que Stevens começou a aparecer aos olhos dos comentaristas cinematográficos como um realizador de grandes méritos. A consagração veio logo após, com a realização de "Um Lugar ao Sol", filme extraído da obra de Theodore Dreyser "Uma Tragédia Americana". O filme com o trio: Montgomery Clift, Shelley Winters e Elizabeth Taylor recebeu os maiores elogios da crítica de todo o mundo, colocando George Stevens definitivamente na galeria dos maiores realizadores do cinema. Em seguida a "Um Lugar ao Sol" (A Place in the Sun), Stevens dirigiu uma boa película, "Na Voragem do Vício", que infelizmente não foi bem compreendido pela crítica e pelo público, mas a crítica voltaria a cantar louvores a Stevens, pois "Shane" ou seja "Os Brutos também Amam", a primeira incursão do realizador pelos domínio dos "westerns" conseguiu agradar muito. A crítica norte-americana tem sido uânime em afirmarque "Shane" é um dos melhores filmes de "cow-boy" dêsses últimos tempos".

M. CALIXTE (Vitória)

(Continua na página seguinte)

CINE RESPOSTAS

(Tôda a correspondência deverá ser enviada a Rouland, CENA MUDA, Rua Visconde de Maranguape 15, *Rio de Janeiro*

Laide (Salvador) — Vai ser entregue a sua encomenda para o ator Alberto Ruschel. Disponha.

Douglas Miranda (Teresina) — Infelizmente, de há muito foi cancelada a seção de «Um lugar ao sol». Qualquer outra coisa pode escrever.

J. Helvécio (Salvador) — Steve Cochran nasceu na cidade de Eureka, na Califórnia, no dia 25 de maio. Formou-se pela Universidade de Wyoming. Teve inúmeras profissões, até mesmo populares, antes de tentar uma experiência, em pequeno teatro. Agradou eprogrediu neste ramo até que, afinal, foi «descoberto», por ser um tipo diferente, para o cinema. Principais filmes: «White Heat», «The Damned Don't Cry», «Storm Warming», «Dallas», «The West Point Story», «Ratom Pass», «Highway 301», «Tomorrow is another day», «Lion and the Horse», «Top Secret», «Inside Walls of Folson Prison», «Thanks Are Coming». Grato pelas referências. Steve é free-lancer. Difícil obter o enderêço.

Braga Fonseca — Sai, hoje, a colaboração. Muito grato. Os pedidos de exemplares foram transmitidos à gerência.

M. Calixte — Muito agradeço as atenções. Sairão tôdas, divididas pelas respectivas seções.

Paulo Gomes (Juiz de Fora) — Estamos tentando atender o seu pedido. Tenha a gentileza de aguardar um pouco mais.

Antônio Bivar — Sai, hoje, a colaboração e muito agradeço.

J. P. Oliveira (Itabaiana, Sergipe) — Os efusivos agradecimentos sôbre a publicação que sairá hoje.

Durvaltécio (Bahia) — A direção lhe enviou uma carta, com tôdas as explicações, bem como informando o responsável da questão do pagamento. Quando fôr possível, gostaria da gentileza de informar se recebeu a carta e qual a resposta do citado responsável. Grato.

Ballet da Juventude — Grato pelo convite. A ausência na data impediu o comparecimento.

Fã (São Paulo) — Aproveitando a sua boa vontade de colaboração solicito a fineza de solicitar de tôda a coletividade, que se tem mostrado tão amiga desta revista, acompanhando-a com tanto interêsse, que respondessem, todos os inquéritos «As cotações dos leitores» de A CENA, que sai publicada hoje, na página 21. Por tudo o mais, os agradecimentos.

Caio Sérgio Hamilton — Grato pela colaboração. As outras estão saindo. Aguardo as suas «cotações» (Pág. 21).

COMO APRENDER A DANÇAR

5ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME..........................
RUA.................. Nº.....
CIDADE........................
ESTADO........................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

PÁGINA DO LEITOR

LIANA DUVAL

Uma das grandes estrêlas do nosso cinema é Liana Duval. Estreou na tela no filme "Nadando em Dinheiro", da Vera Cruz, no qual ela faz um papel (o menor de sua carreira) de empregada de Mazzaropi. Depois, trabalhou no filme "Sombra e Água Fresca", com a dupla Torresmo e Fuzarca, já nesse filme ela fêz o primeiro papel. Logo a seguir atuou como a principal figura feminina no filme "João Gangorra", ao lado de Válter Dávila. Ficou uns tempos afastada do cinema e retornou como a principal intérprete no filme "Uma vida para dois", com os atores Orlando Vilar e Luigi Pighi. Está, agora, novamente em cartaz em "O Craque", com Carlos Alberto, Eva Wilma e Herval Rossano. Sob contrato da Multifilmes.

Antônio Bivar — Usina Junqueira — Cel. Quito (S. Paulo).

AGULHA NO PALHEIRO

O argumento é um tema já batido, ou seja de uma mocinha do interior que vem procurar seu sedutor numa grande cidade, desta feita o Rio de Janeiro. Alex Viany fêz um filme simples, dentro de uma atmosfera adequada a história, ou seja nos subúrbios calmos da grande metrópole brasileira. Com um tema já tão batido, êle preparou um filme diferente, dentro de um ambiente bem brasileiro. O mais interessante e o que mais se elogia neste filme, é o fato dêle não ter um só momento ridículo, apesar de ser a estréia de um diretor. Temos visto grandes produções cheias de cenas ridículas. Inclusive "Cangaceiro", de Lima Barreto, onde há duas ou mais seqüências imperdoáveis. Esta é a maior glória de Alex Viany. A exposição do problema foi feita como manda as regras cinematográficas. O filme não perde o ritmo um só momento. Nem há desvios na história, nem faz com que o espectador perca o interêsse pelo filme.

Um dos pontos altos dêste filme, são as interpretações. A começar por Dóris Monteiro, que é uma artista na acepção da palavra. Natural que só ela mesmo. Possui Dóris Monteiro, todos os requesitos de uma grande artista. A sua interpretação provocou os mais justos elogios de tôda a crítica brasileira. Segundo Henrique Pongetti, numa belíssima crônica decida a ela e publicada em "Manchete" afirma que "é ela a única artista do cinema brasileiro". De fato como talento é insuperável. Seguindo-a vamos encontrar Jackson de Souza numa boa interpretação, incorporando um tipo bem adequado ao seu; Sarah Nobre, muito boa; Roberto Batalin precisa de mais algumas lições sôbre a arte de representar; Fada Santoro, está regular, conquanto que Hélio Souto está fraco.

Agora, só nos resta esperar pelas próximas películas de Alex Viany e por boas interpretações de Dóris Monteiro.

J. P. Oliveira (Itabaiana, Sergipe)



"AMARALINA"

(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)





Já se encontra a venda em tôdas as farmácias, drogarias e perfumarias. Se, entretanto, não existe na cidade, não perca tempo, pedindo imediatamente pelo Reembôlso Postal — O preço de "AMARALINA" é, em qualquer parte do Brasil, de Cr$ 35,00 e pelo Reembôlso Postal custa Cr$ 45,00, livre de porte.

"AMARALINA", certeza absoluta de que os cabelos tornarão a nascer. Na paralisação da queda de cabelos é francamente extraordinário êste produto descoberto por brasileiro e fabricado com erva nacional. Centenas de pessoas atestam suas nunca igualadas qualidades.

Pedidos a **M. M. BURLE & CIA. LTDA.**
AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616
OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERÃO SER DADOS PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309

AGUA PURA
SAÚDE SEGURA
VELAS
SENUN
ESTERILISANTE
FABRICADAS PELO PROCESSO SENUN



QUÉDA DOS CABELOS
Calvície precoce
JUVENTUDE ALEXANDRE
INSUPERÁVEL
Hà cinqùenta anos

BARBARA BATES




MERO:
UM IDIO
GENE KELLY, UM
DOR DOS MUSICA
«BALLET»
UM ROMANTICO
OS VULTOS HERÓI
AS LENDAS
HUGUES